

MUSEU DA VIDA/ CASA DE OSWALDO CRUZ / FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DA CIÊNCIA / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FUNDAÇÃO CECIERJ
MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS
INSTITUTO DE PESQUISA JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIVULGAÇÃO
E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

PAULO ROGERIO ABRAO MILEO JUNIOR

**Pandemia na TV: os 100 mil mortos por Covid-19 pelas lentes do Jornal
Nacional e do Jornal da Record**

Rio de Janeiro
junho/2022

PAULO ROGERIO ABRAO MILEO JUNIOR

Pandemia na TV: os 100 mil mortos por Covid-19 pelas lentes do Jornal Nacional e do Jornal da Record

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Divulgação e Popularização da Ciência.

Orientadora: Marina Ramalho e Silva
Coorientadora: Vanessa Brasil de Carvalho

Rio de Janeiro
junho/2022

Abrão Mileo Junior, Paulo Rogerio.
Pandemia na TV: os 100 mil mortos por Covid-19 pelas lentes
do Jornal Nacional e do Jornal da Record. Paulo Rogerio
Abrão Mileo Junior. — 2022.

nº.f. : 75.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em
Divulgação e Popularização da Ciência) – Fundação
Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida;
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Casa da Ciência;
Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins;
Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio
de Janeiro, 2022.

Orientador: Marina Ramalho e Silva

1. Palavra-chave. 2. Palavra-chave. 3. Palavra-chave. 4.
Palavra-chave. I. Título.

Paulo Rogerio Abrão Mileo Junior

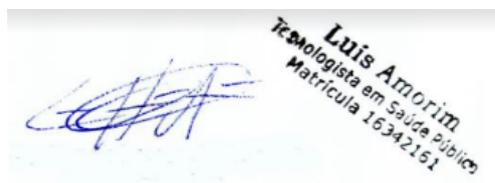
Pandemia na TV: os 100 mil mortos por Covid-19 pelas lentes do Jornal Nacional e do Jornal da Record

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Divulgação e Popularização da Ciência.

Orientador(a): Marina Ramalho e Silva
Coorientador(a): Vanessa Brasil de Carvalho

Aprovado em: 13/07/2022.

Banca Examinadora



Luis Henrique Amorim, Doutor em Ensino em Biociência e Saúde, Fundação Oswaldo Cruz



Maria Fernanda Marques Fernandes, Doutora em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Fundação Oswaldo Cruz - Brasília

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Seu Paulo e Dona Rosângela, pelo carinho, apoio e incentivo durante todo o processo da Especialização.

Agradecimentos especiais às minhas queridas orientadoras, Marina Ramalho e Vanessa Brasil, pelas reuniões, conversas e paciência durante esse processo.

Obrigado especial a todos os professores do Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência pela disponibilidade e trocas durante essa formação.

Obrigado aos colegas de curso, principalmente ao Lucas e a Olga, pela parceria.

Obrigado a todos os meus amigos que me acompanharam durante o processo de pesquisa.

RESUMO

ABRÃO MILEO JUNIOR, Paulo Rogério. Pandemia na TV: os 100 mil mortos por Covid-19 pelas lentes do Jornal Nacional e do Jornal da Record. 2022. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Casa da Ciência; Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ano da defesa.

O presente trabalho de conclusão analisou comparativamente a cobertura da pandemia do novo coronavírus nos dois maiores telejornais da televisão aberta brasileira, o Jornal Nacional e o Jornal da Record, no dia 8 de agosto de 2020, quando o Brasil atingiu a trágica marca de 100 mil óbitos pela covid-19. Foi utilizado um protocolo de análise de conteúdo para matérias de ciência, composto por várias dimensões e categorias que ajudaram a realizar a análise comparativa, a partir de uma abordagem qualitativa. A partir da aplicação do protocolo, chegou-se às durações das matérias sobre a covid-19, aos enquadramentos das reportagens, às fontes consultadas e às vozes retratadas nos telejornais. Concluiu-se que, neste dia, o Jornal Nacional abordou a covid-19 de forma dramática; teceu críticas ao presidente Bolsonaro e ao Governo Federal por negligência no enfrentamento à pandemia; trouxe cientistas renomados para falar sobre o vírus e deu voz a cidadãos que haviam sido infectados e/ou que haviam perdido familiares. Em contrapartida, o Jornal da Record abordou a pandemia como segundo plano, dando ênfase à matéria de violência urbana em sua abertura e dedicando menos tempo que o Jornal Nacional para as matérias informativas da covid-19. O Jornal da Record veiculou matérias relacionadas à pandemia e aos prejuízos econômicos causados por ela de maneira majoritária; não deu voz a cidadãos que fizeram parte dessa estatística simbólica do dia 8 de agosto e, diferente do JN, não criticou o Governo Federal e nem buscou por culpados da crise sanitária.

Palavras-chave: Divulgação científica. Covid-19 em telejornais. Jornal Nacional. Jornal da Record. Jornalismo científico.

ABSTRACT

ABRÃO MILEO JUNIOR, Paulo Rogerio. Pandemia na TV: os 100 mil mortos por covid pelas lentes do Jornal Nacional e do Jornal da Record. 2022. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Casa da Ciência; Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2022.

The present research comparatively analyzed the news coverage around the coronavirus pandemic in the two largest Brazilian television news programs, *Jornal Nacional* and *Jornal da Record*, on the 8th of August 2020, when Brazil reached the tragic mark of 100 thousand deaths from covid-19. The methodology used was through a content analysis protocol made for science television news and composed by a variety of dimensions. From these dimensions, it was possible to get to the news durations about covid-19, to the news framing, to the sources consulted and voices portrayed in the television news. It was concluded that on this day, *Jornal Nacional* addressed covid-19 in a dramatic way; criticized President Bolsonaro and the Federal Government for negligence in dealing with the pandemic; brought renowned scientist to talk about the virus and also gave voice to those citizens who had been infected and/or had lost family members. On the other hand, in *Jornal da Record* the pandemic was approached as a background, emphasizing urban violence articles and devoting little time to informational covid-19 reports; broadcasted articles related to pandemic and the economic damage caused by it in a majority way; did not portray citizens who were part of this symbolic statistic of August 8th, and, unlike JN, JR did not criticize the Federal Government nor did it look for culprits for the health crisis.

Keywords: Science communication. Covid-19 in the news. *Jornal Nacional*. *Jornal da Record*. Science journalism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Descrição dos enquadramentos encontrados	29
Tabela 2	Quantidade de matérias e duração de matérias totais e sobre covid-19.....	33
Tabela 3	As matérias de covid-19 no Jornal Nacional.....	34
Tabela 4	As matérias de covid-19 no Jornal da Record.....	35
Tabela 5	Quantidade de matérias dos telejornais presentes em cada enquadramento.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCOMM	Associação Brasileira de Comércio Eletrônico
ABMES	Sindicato das Entidades Mantenedoras dos Estabelecimentos de Ensino Superior da Bahia
ABR	Academia Brasileira de Rinologia
CDL POA	Câmara de Dirigentes Lojistas de Porto Alegre
CGEE	Centro de Gestão e Estudos Estratégicos
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONTEL	Conselho Nacional de Telecomunicações
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional
EUA	Estados Unidos da América
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
JN	Jornal Nacional
JR	Jornal da Record
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PSL	Partido Social Liberal
PRB	Partido Republicano Brasileiro
SARS-CoV-2	Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2
SBI	Sociedade Brasileira de Infectologia
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SECOM	Secretaria Especial de Comunicação Social
SESA	Secretaria de Saúde do Estado do Paraná
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
UNE	União Nacional dos Estudantes
USP	Universidade de São Paulo
UTI	Unidade de Tratamento Intensivo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	JORNAL NACIONAL E JORNAL DA RECORD: OS OBJETOS DA PESQUISA	7
2.1	A REDE GLOBO	7
2.1.1	O Jornal Nacional e a cobertura da covid-19	10
2.2	A REDE RECORD	13
2.2.1	Edir Macedo, a IURD e a influência política	14
2.2.2	O Jornal da Record e a cobertura da covid-19	16
3	Jornalismo em tempos de pós-verdade, infodemia e desinformação	22
4	METODOLOGIA	26
4.1	DIA 8 DE AGOSTO DE 2020.....	26
4.1.1	As matérias relacionadas à covid-19	27
4.2	O PROTOCOLO DE ANÁLISE.....	27
4.2.1	Dimensão características gerais: nome do telejornal e data de exibição	28
4.2.2	Dimensão relevância: duração da matéria	28
4.2.3	Dimensão narrativa: enquadramentos	29
4.2.4	Dimensão de atores: fontes e vozes	32
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
5.1	QUANTIDADE E DURAÇÃO DAS MATÉRIAS.....	33
5.2	AS MATÉRIAS RELACIONADAS À COVID19.....	34
5.3	DESCRIÇÃO DAS MATÉRIAS.....	36
5.3.1	Jornal Nacional	36
5.3.2	Jornal da Record	41
5.4	ENQUADRAMENTOS ENCONTRADOS.....	46
5.4.1	Políticas Públicas	48

5.4.2	Científico.....	49
5.4.3	Impactos econômicos e sociais da pandemia.....	52
5.4.4	Personificação.....	54
5.5	FONTES E VOZES.....	57
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
	REFERÊNCIAS.....	71

1 INTRODUÇÃO

Este estudo nasce no cenário de caos informacional instaurado durante o momento histórico da pandemia de Covid-19, ao qual todos fomos e ainda estamos submetidos. A história da Covid-19 se inicia em 19 de dezembro de 2019, em Wuhan, capital chinesa da província de Hubei, quando o primeiro paciente oficial da covid-19 (*coronavirus disease 2019*) foi hospitalizado¹. Cerca de um mês depois, no dia 20 de janeiro de 2020, quase 2 mil novos casos foram reportados. De acordo com Wu, Zhao e Yu et al. (2020), investigações epidemiológicas indicaram o ponto de partida do surto em um mercado de frutos do mar de Wuhan.

Já em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surto do novo coronavírus como emergência de saúde pública de importância internacional (ESPII). A declaração foi a sexta ocorrência na história da humanidade, precedida pelos surtos de H1N1 (2009), poliovírus (2014), Ebola na África Ocidental (2014), zika (2016) e ebola na República Democrática do Congo (2018).

O novo vírus espalhou-se rapidamente e atingiu outros países além da China. A Itália, nos meses iniciais de 2020, teve a atenção do mundo voltada para si em consequência dos altos números de infectados e mortos. Retornando de viagem da Itália, o primeiro brasileiro confirmado com a doença foi registrado no dia 26 de fevereiro de 2020.

Assim como o paciente número um, milhares de brasileiros voltavam de viagens internacionais, deixando os que aqui estavam preocupados com um possível surto da covid-19. Embora as maiores preocupações no Brasil tenham se iniciado no fim fevereiro, para Delatorre et al. (2020), o vírus SARS-CoV-2 (*severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*), causador da covid-19, já se espalhava no país desde o início de fevereiro, apontando que a transmissão comunitária já acontecia durante o que ainda era considerado estágio precoce da epidemia.

No dia 11 de março de 2020, a OMS declarou a pandemia da covid-19. Das medidas de proteção adotadas, o distanciamento físico, técnica secular, resultou em uma quarentena a nível global, inédita na história mundial (MASSALI, 2020).

¹ Acesso disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/>>

O intuito das restrições físicas, além de evitar o contágio, era não sobrecarregar os leitos dos sistemas de saúde. Nesse novo momento, novas frases e termos, como achatamento da curva, assintomáticos, contágio comunitário, *lockdown*, taxas de ocupação de hospitais e leitos, entre vários outros, se tornaram frequentes no vocabulário dos brasileiros.

Com grande parcela das pessoas isoladas, as atividades sociais começaram a se transformar. Um emaranhado de novas notícias surgia diariamente as quais a população acompanhou através dos meios de comunicação e dos aparelhos celulares. Nos Estados Unidos, por exemplo, em março de 2020, houve um aumento do uso de televisão, de aparelhos conectados à *internet* e aplicativos de celulares (BHUTANI; COOPER, 2020).

Durante a pandemia, as telas, já muito populares na sociedade global, se tornaram ainda mais importantes para a informação, o entretenimento, a educação e a sociabilidade. Esse aumento de utilização midiática, em conjunto com o surto informacional do período e o distanciamento social, modificaram a forma do telejornalismo em se comunicar com o público - através de imagens com qualidade diversas (agora também via celular) e a não obrigatoriedade do repórter televisivo estar no local da notícia (COUTINHO; MELLO; FINGER, 2021).

Vale destacar que o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE, 2019) indica que a televisão atua como fonte relevante para a população brasileira na busca de informações relacionadas à ciência, principalmente através de seus telejornais. Além disso, jornalistas e médicos são as fontes de informação que mais inspiram confiança em assuntos importantes para os brasileiros.²

E, no contexto pandêmico, o jornalismo foi se tornando monotemático. A Rede Record substituiu a série “Casos de Justiça” por uma edição voltada para a covid-19, e o Jornal Nacional, telejornal líder de audiência nacional, apresentou edições especiais sobre a pandemia, atingindo 37 pontos de audiência em março de 2020³.

² Disponível em: <<https://www.cgEE.org.br/web/percepcao/faca-sua-analise>>

³<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/audiencia-de-telejornalismo-explode-durante-cri-se-do-novo-co-ronavirus.shtml>

Nesse cenário, também observou-se a ampla circulação de desinformação, o que não é novidade em momentos de crise de saúde pública. Em 1918, durante a gripe espanhola, por exemplo, a imprensa e autoridades cariocas disseminaram 'receitas peculiares' com promessas de curar a gripe (ALBUQUERQUE, 2020). Há de se considerar que os tempos são outros, pois o fenômeno massivo do uso de redes sociais deu uma nova dimensão informacional à pandemia - a primeira em tempos de globalização.

O momento pandêmico foi caótico para o jornalismo, os profissionais da saúde, os especialistas e os próprios telespectadores; cidadãos comuns em dúvidas e sem saber em quem confiar. Em tempos de pós-verdade, onde fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos emocionais e crenças pessoais⁴, o caos no Brasil foi polarizado - a defesa de medidas científicas *versus* as ideias negacionistas, sendo o segundo lado adotado por Jair Bolsonaro, o líder e porta voz das notícias falsas brasileiras⁵.

O cenário de polarização já se fazia presente desde as eleições presidenciais que elegeram Bolsonaro em 2018, mas foi fortalecido com os constantes pronunciamentos do presidente sobre o novo vírus. Bolsonaro deu declarações polêmicas acerca da pandemia⁶, inclusive em pronunciamentos oficiais em TV aberta; foi contrário ao isolamento por aspectos econômicos, demitindo dois ministros da saúde, médicos incumbidos através da ética profissional a seguirem orientações científicas adotadas pelo resto do mundo; e promoveu o uso da cloroquina e hidroxicloroquina no que foi chamado de tratamento precoce, comprovadamente ineficaz no tratamento da covid-19⁷.

⁴ <https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/post-truth>.

⁵ <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-20/bolsonaro-e-lider-e-porta-voz-das-fake-news-no-pais-diz-relatorio-fiscal-da-cpi-da-pandemia.html>

⁶ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>

⁷ https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/15/interna_politica,855142/teich-pede-demi-ssao-da-saude-apos-bolsonaro-pressionar-por-cloroquina.shtml

Muito semelhante ao aspecto polarizado do embate presidencial em 2018, o país foi se dividindo aos poucos, escancarando os discursos negacionistas impulsionados pelo presidente, seus aliados e companheiros ideológicos. Do lado 'científico', o medo de sair de casa, da exposição (de si e do outro) ao risco; a atenção às orientações de organismos oficiais nacionais e internacionais de saúde. Do lado 'negacionista', a relativização da pandemia; a desconfiança dos números de mortos por causa de corrupção; a confiança em discursos profissionais como os de Nise Yamaguchi, médica defensora da cloroquina⁸. O cenário polarizado teve reflexo evidente no jornalismo brasileiro. Declaradamente contra as atitudes tomadas por Bolsonaro durante a pandemia, o Jornal Nacional desmentiu o presidente diversas vezes⁹, além de divulgar editoriais em dias simbólicos para a pandemia, apontando falhas e cobrando ações do Governo.

Houve fragilidade nos telejornais que concorriam por audiência com o JN durante a pandemia do novo coronavírus. De acordo com Padiglione (2020), a Rede Record, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e a *RedeTv!* pisaram em ovos para não ferir o apoio ao presidente Bolsonaro, alvo da maioria das críticas na condução sanitária da pandemia de covid-19.

O presidente fez ataques constantes à cobertura da covid-19 realizada pela imprensa em geral, principalmente pela TV Globo¹⁰, constantemente chamada de #GloboLixo por seus defensores e pelo próprio presidente¹¹. A tática de pronunciamentos contra a emissora, a fim de desacreditar as informações e consagrar a si mesmo como vítima de perseguição, foi também uma estratégia adotada durante as eleições presidenciais¹².

Considerando esse cenário, lançamos nosso olhar sobre os dois telejornais líderes em audiência no Brasil - o Jornal Nacional e o Jornal da Record - e, por meio de uma análise qualitativa e comparativa de ambos, buscamos elucidar de que maneiras as notícias sobre a pandemia foram apresentadas no fatídico 8 de agosto de 2020, dia em que o Brasil atingiu a marca de 100 mil mortos pelo novo coronavírus.

⁸<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/04/15/e-fake-que-prefeituras-e-medicos-que-diagnosticam-casos-de-covid-19-ou-atestam-obitos-pela-doenca-recebem-dinheiro-a-mais-por-cada-paciente.ghtml>

⁹ <https://istoe.com.br/william-bonner-desmente-bolsonaro-ao-vivo-no-jn-nao-e-verdade/>

¹⁰<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-chama-globo-de-lixo-e-ameaca-nao-renovar-concessao-em-2022/>

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=1EvVA5nyDdY>

¹²<https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/09/29/apoiadores-de-bolsonaro-hostilizam-equipe-da-tv-globo-no-rio.ghtml>

A análise buscou detalhar e comparar como a edição de cada telejornal – programas com linhas editoriais bastante distintas, como veremos mais adiante – foi construída nessa data simbólica para a doença, partindo de um protocolo de análise de conteúdo que buscou identificar características das matérias sobre covid-19, como principais enquadramentos narrativos empregados e principais fontes e vozes utilizadas para a construção das matérias. Além disso, a opção editorial adotada por cada telejornal foi confrontada, com o objetivo de entender o posicionamento dos programas em relação ao discurso científico.

No capítulo 2 deste TCC, abordam-se os objetos de pesquisa - as emissoras e os telejornais analisados no trabalho de conclusão de curso, no caso a Rede Globo e o Jornal Nacional, e a Rede Record e o Jornal da Record. Buscou-se apontar fatos relevantes de ambas as emissoras, envolvendo suas influências em questões políticas no território brasileiro, além de questões históricas que possibilitaram o entendimento do cenário telejornalístico durante a pandemia da Covid-19. Alguns apontamentos sobre como o novo coronavírus foi retratado durante o dia selecionado para o trabalho são também trazidos.

Aspectos comunicacionais são definidos no capítulo 3. A era da pós-verdade, a desordem informacional e a infodemia - crescimento exponencial de informações, principalmente durante a pandemia do novo coronavírus - são brevemente conceituadas. Assim, o capítulo pretende abordar como o jornalismo atuou durante a pandemia de Covid-19, levando-se em consideração essas particularidades. Recursos jornalísticos são também discutidos, como a personificação, prevendo a construção de matérias a partir de histórias de cidadãos comuns; a saúde na era da testemunha; e por último é discutido como notícias transmitidas por telejornais apresentam similaridades com a construção de uma história da teledramaturgia.

No capítulo 4, é detalhado o recorte metodológico do trabalho de conclusão. A análise se dá no dia 8 de agosto de 2020, quando o Brasil atingiu a marca de 100 mil óbitos pelo novo coronavírus. As matérias relacionadas a Covid-19 em ambos os telejornais neste dia são submetidas a um protocolo de análise de conteúdo composto por dimensões distintas. Essas dimensões são melhor definidas neste capítulo e estão relacionadas à duração das matérias de covid-19, enquadramentos, fontes e vozes utilizadas no telejornal.

No capítulo 5 os resultados são apresentados e discutidos. Há a descrição das matérias transmitidas por cada telejornal; a apresentação, quantificação e discussão dos enquadramentos codificados - políticas públicas, científico, impactos sociais e econômicos e personificação - e a discussão das fontes e vozes utilizadas na construção das matérias de cada telejornal.

No capítulo 6 são abordados os aspectos analisados em ambos os telejornais acerca da cobertura do novo coronavírus. Neste capítulo das considerações finais, a partir da análise realizada neste trabalho de conclusão, há a discussão de aspectos gerais de cada telejornal sobre a pandemia a partir da análise de conteúdo realizada.

Por fim, foram evidenciadas as diferenças na cobertura da covid-19 em cada telejornal, no dia 8 de agosto de 2020. As histórias narradas foram confrontadas e chegou-se à conclusão de que, enquanto o Jornal Nacional apelou para uma cobertura mais dramática, com histórias de brasileiros infectados e mortos pela covid-19, o Jornal da Record retratou aspectos financeiros causados pela pandemia, resultando em uma cobertura mais amena.

2. JORNAL NACIONAL E JORNAL DA RECORD: OS OBJETOS DA PESQUISA

Este capítulo pretende contextualizar brevemente os objetos empíricos desta pesquisa: o Jornal Nacional (JN), produzido e transmitido pela emissora Rede Globo, e o Jornal da Record (JR), produzido e transmitido pela Rede Record. Será exposto aqui um levantamento de acontecimentos pertinentes à história de ambas emissoras e telejornais, guiando progressivamente a linha temporal para os dias em que as coberturas telejornalísticas se pautaram, quase que exclusivamente, pela cobertura da pandemia do novo coronavírus.

É importante ressaltar que não se busca aqui esgotar a história de ambas as emissoras, apenas apontar fatos relevantes para as reflexões que serão feitas ao final do trabalho.

2.1. A REDE GLOBO

O primeiro canal de televisão a ir ao ar no Brasil foi a TV Tupi, na década de 1950. Mas foi apenas na década de 1960, com a popularização dos aparelhos de TV e a entrada de capitais estrangeiros do grupo Time/Life, que a televisão se consolidou na sociedade brasileira (TRAVANCAS, 2010). O grupo estrangeiro se associou ao grupo Globo e nasceu, assim, a TV Globo, inaugurada em 1965 no estado do Rio de Janeiro.

O apoio de empresas estrangeiras à TV Globo foi conflituoso. Segundo Halperin (2019), em 1966, *O Estado de São Paulo* publicou o “Manifesto à Nação” que apontava em seu texto a infiltração de capitais estrangeiros na indústria jornalística brasileira, fato contrário ao que previa a Constituição do país em seu artigo 160 à época, ou seja, o apoio era ilegal.

Anterior à publicação do manifesto, o então governador da Guanabara, Carlos Lacerda, denunciou o recebimento de capital estrangeiro da Rede Globo proveniente da Time/Life e um suposto empréstimo do presidente João Goulart que favoreceu a emissora em 1962. Lacerda já havia travado guerra anos antes pelo loteamento do Parque Lage com o herdeiro da Rede Globo, Roberto Marinho, o qual exerceu pressão sobre o governo estadual do Rio de Janeiro e buscou modificar a legislação ambiental para construir os edifícios da Rede Globo. Lacerda, por outro lado, participou de campanhas de tombamento e preservação do espaço, as quais

resultaram na desapropriação do parque, atualmente famoso ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro (HALPERIN, 2019).

Em junho de 1965, o Conselho Nacional de Telecomunicações (CONTEL) abriu um processo para investigar o caso. Em outubro do mesmo ano, o deputado Eurico de Oliveira requereu à Câmara a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, cujo término se deu em 1966, com parecer desfavorável à Globo. Marinho afirmou em depoimento sempre ter respeitado a proibição do uso de capital estrangeiro e explicou que os contratos com as empresas haviam sido firmados para fins de assistência técnica e uma conta de participação (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

O desfecho do caso é atribuído à "legalização" da emissora por parte do Marechal Artur da Costa e Silva, em setembro de 1968, mesmo assim a parceria entre Globo e Time-Life acabou em 1971 com a desvinculação formal das empresas (HALPERIN, 2019).

A partir da década de 1970, com os planos do Governo de racionalização e burocratização das instâncias políticas, a TV Globo figurou como o principal veículo de massa do país. A emissora apresentou objetivos de expansão econômica similares com os projetos de Integração Nacional e foi aliada importante do governo militar. Para Walter Avancini, escritor e diretor de novelas, a Globo foi “sem dúvida alguma, o produto mais bem-acabado e mais bem-sucedido da ditadura”, uma vez que concretizou a abstração da Ordem e Progresso¹³. Dessa forma, o grupo de Roberto Marinho, entre o período de 1965 a 1982, passou de detentor de uma concessão de televisão no estado do Rio de Janeiro para o título de quarta maior rede de TV do mundo¹⁴. Em 2013, a própria emissora concluiu em editorial que à luz da história o apoio ao golpe militar foi um erro¹⁵.

Nos anos seguintes, com a redemocratização, a emissora esteve presente em outros escândalos políticos. Para Avelar (1992), por exemplo, o então candidato Fernando Collor de Mello foi favorecido pela Rede Globo na disputa presidencial de 1989, na edição do debate final entre ele e o outro candidato, Luiz Inácio Lula da Silva. A autora aponta, porém, a dificuldade em provar a influência da televisão no resultado das eleições, uma vez que as evidências não são passíveis de provas e há inúmeros fatores contextuais intrínsecos e simultâneos na disputa:

¹³ Acesso em: <<https://artepensamento.ims.com.br/item/a-televisao-e-a-politica-de-integracao-nacional/>>

¹⁴ Acesso em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/eventos-marcantes-da-tv-durante-ditadura/>>

¹⁵ Acesso em: <<https://oglobo.globo.com/politica/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>>

“Se não há como afirmar relações de causa e efeito, também não há como negar a sua forte influência. E é por causa desta evidência, que se torna impossível fugir do debate. (AVELAR, 1992, p.43)”

O favorecimento de Collor, em oposição a Lula, foi justificado pelos responsáveis pela edição do Jornal Nacional, afirmando, tempos depois, que usaram o critério de edição semelhante ao de partidas de futebol, no qual os melhores momentos de cada time são selecionados. Assim, ficaria evidente que Collor havia sido o vencedor do debate, já que, segundo eles, Lula realmente havia se saído mal. Ainda, em editorial *online* intitulado *ERROS*, a Globo trouxe o fato que a própria liderança do Partido dos Trabalhadores reconheceu que Lula não havia se saído bem no debate. Porém, concluiu que, a partir do que chama de ‘inequívoco dano à imagem da Globo’, decidiu adotar como norma a não edição de debates políticos (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

Em outra polêmica política, Becker et al. (2018) argumenta que o JN participou do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2013, apagando e sufocando o importante acontecimento durante as inúmeras reportagens sobre os Jogos Olímpicos de 2016.

Para Porto et al. (2020), no período de 1985 a 2016, a Rede Globo apresentou uma aliança com grupos e instituições dominantes no Brasil, como a Igreja Católica, elites políticas e partidos tradicionais - especialmente o sistema partidário que envolve a polarização PSDB-PT com mediação do MDB. No entanto, com o crescimento da Rede Record e das igrejas evangélicas, a relação entre o sistema comunicacional e o sistema político passaram por algumas mudanças, especialmente nas eleições de 2018, com o candidato de extrema direita Jair Bolsonaro.

Durante as eleições presidenciais de 2018, em entrevista concedida ao Jornal Nacional, o então candidato Jair Bolsonaro discutiu com os âncoras do telejornal, disse que a Globo vive em grande parte com recursos da União e leu um trecho do editorial de Roberto Marinho em apoio ao Golpe Militar de 1964¹⁶. O dia da entrevista foi esperado, pois os ataques à Globo por parte de Bolsonaro eram constantes, como em 2017, quando Bolsonaro disse que reduziria a verba

¹⁶ Disponível em:

<<https://exame.com/brasil/bolsonaro-discute-com-ancoras-do-jn-e-lembra-apoio-da-globo-a-ditadura/>>

publicitária para *O Globo*, por exemplo¹⁷. O clima de polêmica foi marcante para a rivalidade existente até hoje entre a emissora e o atual presidente.

Na próxima seção, serão trazidas considerações acerca do Jornal Nacional, telejornal líder em audiência nacional e um dos objetos desta pesquisa.

2.1.1. O Jornal Nacional e a cobertura da Covid-19

Inspirado por modelos de jornalismo estadunidenses e, inicialmente, com o público de 70 milhões de brasileiros, o JN foi o primeiro telejornal em rede brasileiro. Com estilo visual frio e objetivo, a princípio, o locutor do jornal mostrava-se formal e distante do que era noticiado, distanciamento esse que fora relativizado conforme os anos passaram, principalmente em períodos posteriores à ditadura, quando os telejornais se tornaram mais opinativos e surgiram programas de debates e entrevistas (AMORIM, 2008; RAMALHO, 2012; SILVA, 1985).

Em seus primórdios, ligava poucas cidades, mas já apresentava objetivos de integração do Brasil através da informação (TRAVANCAS, 2010), sendo o JN o ponto de partida do projeto que pretendia transformar a Globo na primeira rede de televisão brasileira (MEMÓRIA GLOBO, 2022). A estreia do telejornal visava competir com o Repórter Esso, noticiário da TV Tupi, no entanto, enquanto o “adversário” deixava as notícias mais impactantes para o fim, o JN buscou inovar e despertar o interesse do telespectador através de um outro script, trazendo as informações mais impactantes para o início do telejornal (MEMÓRIA GLOBO, 2022).

O JN estreou dia 1 de setembro de 1969 e é transmitido até os dias de hoje no intitulado horário nobre, o período de maior audiência entre as duas novelas da emissora Globo. Com cerca de 45 minutos de duração, sua primeira edição foi ao ar às 19h45 com os apresentadores Hilton Gomes e Cid Moreira. Nos dias atuais, o telejornal é apresentado por William Bonner, editor-chefe do JN, e Renata Vasconcellos, também editora-executiva do telejornal que vai ao ar às 20h30 de segunda a sábado (MEMÓRIA GLOBO, 2022).

Bonner assumiu o cargo de editor-chefe em 1999, quando o Jornal Nacional passava por alguns episódios de prestígio abalado. A partir daí, algumas reportagens mais leves desapareceram ou foram levadas para o fim da edição,

¹⁷ Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/12/1940129-bolsonaro-diz-que-se-eleito-ira-cortar-verba-publicitaria-da-globo.shtml>>

facilitando a mensagem típica de encerramento – “boa noite” - que não combinava após a transmissão de uma notícia triste, por isso, substituída por “até amanhã” em uma tradição criada pelo jornalista Evandro Carlos de Andrade. Sob os comandos de Bonner, matérias mais informativas ganharam espaço no telejornal (COUTINHO, 2008).

No ar há décadas, o telejornal transmitiu os mais variados acontecimentos - nacionais e internacionais - sendo assistido por milhões de brasileiros diariamente. Na década de 1980, o JN atingia audiência de quase 70 pontos no horário nobre.¹⁸ Hoje em dia, mesmo líder em audiência, assiste a uma queda em seus números. No início da pandemia da Covid-19, porém, o JN ganhou a audiência de 1,5 milhão de jovens por dia, se comparado ao mesmo período em 2019, além disso, entre os dias 16 de março e 30 de junho de 2020, 90% dos jovens entre 15 e 29 anos buscaram o jornalismo da Globo para se informar sobre a pandemia do novo coronavírus¹⁹, dados esses que reforçam a relevância desse telejornal como objeto de pesquisa. Para o diretor-executivo de jornalismo da TV Globo, Ricardo Vilela, os números de jovens com o crescente interesse pelo jornalismo esteve relacionado aos momentos de isolamento, pois não confiavam completamente nas notícias presentes nas redes sociais.

Nesse período específico da Covid-19, além de lidar com danos da pandemia, foi necessário combater a infodemia e a desinformação, que conflitavam com orientações científicas fornecidas por organismos de saúde nacionais e internacionais (como a Fundação Oswaldo Cruz e a Organização Mundial de Saúde), visando amenizar os impactos negativos do coronavírus. Os pronunciamentos negacionistas do presidente – que minimizavam a gravidade da Covid-19 e a importância de medidas de higiene, o uso de máscaras e o isolamento social – e as medidas do Governo Federal foram amplamente criticadas pelo JN. Nesse sentido, destacam-se os editoriais transmitidos nos dias 20 de junho de 2020, 8 de agosto de 2020 e 19 de junho de 2021, momentos em que se registraram, respectivamente, as 50 mil, 100 mil e 500 mil vidas perdidas pela covid-19.

No dia 20 de junho de 2020, o JN cobrou e fez críticas duras ao Governo Federal em relação à falta de planejamento e ações ineficazes no combate à

¹⁸ Disponível em: <<https://revistacasper.casperlibero.edu.br/edicao-27/em-busca-da-audiencia-perdida/>>

¹⁹ Disponível em: <<https://telepadi.folha.uol.com.br/jornal-nacional-ganhou-mais-de-15-milhao-de-jovens-por-dia-na-pandemia/>>

pandemia. Adotando uma postura bastante emocionada, Renata Vasconcellos e William Bonner, os âncoras do telejornal, se dirigiram ao público: “A gente repete mais uma vez, respira, vai passar!” (JORNAL NACIONAL, 2020). No dia 8 de agosto, dia central de análise da presente pesquisa, os âncoras repetiram falas de Bolsonaro, evidenciando o menosprezo da autoridade pela doença e trazendo aspectos da lei que definem a saúde como direito de todos e dever do Estado. Já em 2021, no dia 19 de junho, o editorial demonstrou indignação e apontou os erros cometidos pelo presidente, tais como “a aposta insistente e teimosa em remédios sem eficácia, o estímulo frente a aglomerações, a postura negacionista e inconsequente de não usar máscaras” (JORNAL NACIONAL, 2021).

No JN, durante a pandemia, foram criados quadros para abordar a Covid-19 e seus desdobramentos. Destacaram-se dois: “Solidariedade S/A” e “Aqui Dentro”. Enquanto o primeiro relatou iniciativas de empresas que doaram recursos e materiais para o enfrentamento da pandemia, o segundo trouxe testemunhos de profissionais da saúde, combatendo o novo coronavírus na linha de frente e relatando suas experiências e dificuldades nesse novo momento de exceção.

Aspecto importante a ser acrescentado no embate entre o Governo Federal e o Jornal Nacional diz respeito à forma com que os números de mortes e de infectados pelo novo coronavírus começaram a ser divulgados pelo Ministério da Saúde. Durante a gestão do ministro Luiz Henrique Mandetta, a divulgação dos dados era realizada às 17h. Após sua demissão, começaram a ser divulgados às 19h e, posteriormente, o horário foi alterado para às 22h. Sobre a última mudança, o presidente Bolsonaro comentou: “Acabou matéria no Jornal Nacional”, referindo-se ao fato desse telejornal ser transmitido às 20:30h, ou seja, antes do anúncio dos dados do Ministério²⁰. Em resposta a essas mudanças e lançando dúvidas sobre a precisão dos dados emitidos pelo Ministério da Saúde, os veículos G1, O Globo, Extra, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e UOL se reuniram, formando o que ficou conhecido como consórcio de veículos de imprensa, para coletar as informações sobre a pandemia em todo o território brasileiro²¹.

Mesmo com os ganhos de audiência durante a pandemia em 2020, a realidade no ano de 2021 foi diferente. Em dezembro de 2021, o Jornal Nacional

²⁰ Comentário do presidente: “Acabou matéria no Jornal Nacional” em: <https://www.youtube.com/watch?v=e6_RQbhpo50>

²¹ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>

apresentou a pior média da história do telejornal, inclusive inferior a uma crise de audiência em 2015. Mesmo sendo líder de audiência no segmento, comprovando a relevância desse objeto de pesquisa como fonte de informação e formação da opinião pública, jamais a Record esteve tão próxima (9,7 pontos) do JN na tabela de audiência²².

2.2. A REDE RECORD

A Rede Record é uma das emissoras mais antigas do Brasil e já foi considerada a emissora com os melhores equipamentos e recursos na América Latina. Inaugurada em 27 de setembro de 1953, sob o nome de TV Record, canal 7, tinha como rivais a TV Tupi e a TV Paulista. O ponto forte de sua programação eram os programas musicais. Inclusive, a inauguração de sua transmissão contou com a participação de Dorival Caymmi, Inezita Barroso, Adoniran Barbosa e outros (BARROS FILHO, 2011, p. 41).

Segundo Barros Filho (2011, p. 42), a Record viveu um período áureo na década de 1960, levando o canal ao “primeiro lugar na audiência geral de São Paulo”. A emissora teve um papel importante na popularização da bossa nova, do iê-iê-iê do tropicalismo, do som da pilantragem e da música de protesto. Também nessa década, transmitiu festivais de Música Popular Brasileira e impulsionou o sucesso de cantores como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gal Costa e Nara Leão.

Na década de 70, porém, os anos de ouro se tornaram um período que precedeu a falência da empresa. Além de falhas de planejamento e de administração, uma sucessão de incêndios destruiu auditórios da emissora. Os acontecimentos impulsionaram a venda de 50% do capital da emissora ao empresário e comunicador Silvio Santos. Já no início da década de 1990, a emissora foi vendida a seu atual dono, o bispo evangélico Edir Macedo, um dos fundadores da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Macedo assumiu a Record e fez da emissora paulista um império da comunicação no Brasil, já que em 1990 adquiriu os estúdios da Line Records, a Universal Produções, a Rede Família, a Rede Aleluia e a Rede Mulher (que se

²² Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2021/12/13/ibope-2021-sera-o-pior-ano-da-historia-do-jornal-nacional.htm>>

tornou a Record News em 2007). Fundou também a Record Internacional e o Portal R7, consolidando a Record como um dos maiores grupos de comunicação do Brasil (FIGUEIREDO, 2012). Além da Rede Record, o vasto império de Macedo e da IURD inclui mais de quatro mil templos espalhados pelo Brasil, emissoras de rádio e televisão no exterior, o jornal Folha Universal, um parque gráfico, uma empresa de turismo e até uma fábrica de móveis e equipamentos para os templos (POLATO, 2015).

A importância da emissora se dá através de sua consolidação na vice-liderança em audiência, fato marcado em 2005, principalmente no horário nobre, das 18h à 00h (MAIA, 2007). Por isso, compreender as influências da IURD na emissora, os empreendimentos políticos da igreja, bem como a teologia da prosperidade - doutrina adotada pela instituição religiosa - é importante para esta pesquisa, sendo o próximo item a ser apresentado em sequência.

2.2.1. Edir Macedo, a IURD e a influência política

Edir Macedo é um pregador brasileiro e dono da TV Record. Para Mariano (1996), a criação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), por Macedo, está presente dentro do que ele define de vertente *neopentecostal*, ou a terceira onda do pentecostalismo, sendo as outras duas intituladas pentecostalismo clássico e pentecostalismo neoclássico.

A terceira onda e de interesse maior para esse trabalho, a *neopentecostal*, começou na década de 1970, mas cresceu e se fortaleceu durante as décadas de 1980 e 1990. As principais igrejas *neopentecostais*, criadas por pregadores brasileiros, foram a Universal do Reino de Deus, em 1977, no Rio de Janeiro; a Internacional da Graça de Deus, também no Rio, em 1980; a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, em 1976, no Goiás; e Renascer em Cristo, em São Paulo, no ano de 1986 (MARIANO, 1996). As características das igrejas fundadas nessa vertente são apresentar “poucos traços de seita, forte tendência de acomodação ao mundo, participam da política partidária e utilizam intensamente a mídia eletrônica” (MARIANO, 1996, p. 26).

As igrejas *neopentecostais* se caracterizaram por pregar a Teologia da Prosperidade. Dentro desta doutrina, prega-se o adágio franciscano “é dando que se recebe”, para Mariano (1996, p. 26), essa crença é “nada franciscana”, e prevê que

o cristão está destinado a “ser próspero materialmente, saudável, feliz e vitorioso em todos os seus empreendimentos terrenos”. Além dessa característica presente no neopentecostalismo, pode-se destacar a guerra espiritual contra o Diabo vinculado a religiões e culto afro-brasileiros.

A Teologia da Prosperidade garante a abundância e prosperidade para os cristãos, vistos como os herdeiros das promessas divinas. Assim, para Mariano (1996, p. 28), a Teologia da Prosperidade veio:

“coroar e impulsionar a incipiente tendência de acomodação de várias denominações capitalistas aos valores e interesses mundanos das sociedades capitalistas”

Em questões políticas, os posicionamentos de líderes evangélicos têm sido historicamente importantes, já que representam milhões de fiéis. Para Villasenor (2010, p. 14), “desde a fundação, a IURD iniciou sua prática política participando de campanhas políticas, em períodos de eleições”. Em 1998, a Universal elegeu 26 deputados estaduais e 17 deputados federais. Em 2002, elegeu 16 deputados federais, 19 deputados estaduais - inclusive deputados não vinculados à Igreja - e o primeiro senador eleito da Igreja, Marcelo Crivella.

A IURD parte do fundamento político “irmão vota em irmão” e seu projeto de expansão nacional foi criado a partir do “caldo fundamentalista” que sempre demonizou as religiões de matrizes africanas em prol de crescimento próprio (TONIOL, 2021). Tal demonização foi justificativa para o não apoio da IURD a campanhas de Luiz Inácio Lula da Silva (1989 e 1994), por exemplo. Sendo a candidatura de Lula ligada ao catolicismo e apoiada pelas religiões de matrizes africanas, a IURD espalhou o medo pela Igreja construindo a imagem de Lula como anticristo comunista que iria fechar as igrejas evangélicas. Em 2002, no entanto, o cenário mudou, pois o Partido dos Trabalhadores procurou apoio das igrejas evangélicas, com êxito. Portanto, o medo do fechamento das igrejas não foi preocupação latente naquelas eleições (VILLASENOR, 2010).

Em questões políticas mais recentes, como nas eleições presidenciais de 2018, a IURD também participou com seu capital religioso. O Bispo Edir Macedo foi questionado via *Facebook* por um leitor: “Queremos saber bispo (sic) do seu posicionamento sobre a eleição pra presidente”. O pastor então respondeu o comentário escrevendo “Bolsonaro”²³. O apoio de Macedo ao então Partido Social Liberal (PSL) veio na contramão do próprio Partido vinculado à Igreja Universal, o Partido Republicano Brasileiro (PRB), com aliança ao então candidato Geraldo Alckmin²⁴.

Denúncias direcionadas ao Portal R7 foram trazidas pelo The Intercept Brasil. O portal R7 teria favorecido o candidato Bolsonaro durante as eleições, segundo relato de um funcionário do portal: “passado o primeiro turno, começou o jogo sujo. Nada de pauta negativa ao Bolsonaro, a não ser que seja um assunto de grande visibilidade”²⁵.

Em 2019, com Bolsonaro já eleito, o presidente foi a um culto no Templo de Salomão, a sede mundial da IURD, em São Paulo. Lá, o Bispo Macedo ungiu o presidente, dizendo “Deus escolheu Bolsonaro para liderar 210 milhões de brasileiros”; criticou a imprensa, a qual chamou de “inferno da mídia” e disse que a mídia se posicionava contra Bolsonaro. Por último, comparou Bolsonaro a Deus, fato esse que corrobora a menção de Villasenor (2010): a prática da IURD em transferir capital religioso para o cenário político. Assim, a Universal utiliza a simbologia do medo, persuadindo seus fiéis a votarem em candidatos de seu apoio através da justificativa de serem homens de Deus e travando uma batalha contra satanás (materializado através da oposição política) (VILLASENOR, 2010).

Entender os princípios adotados pela IURD, do bispo Macedo, bem como os interesses políticos vinculados às doutrinas e aos interesses da Igreja, podem ser importantes para entender a cobertura da emissora responsável pelo Jornal da Record, principalmente durante a pandemia do novo coronavírus.

2.2.2. O Jornal da Record e a cobertura da covid-19

²³Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/ao-apoiar-bolsonaro-edir-macedo-volta-as-origens-antipetistas-e-a-satanizacao-de-lula.shtml>>

²⁴Disponível em: <<https://republicanos10.org.br/noticias/eleicoes-2018-prb-sela-apoio-a-candidatura-de-alckmin-a-presidente-do-brasil/>>

²⁵ <https://theintercept.com/2018/10/13/bastidores-universal-edir-macedo-apoio-portal-r7-bolsonaro/>

O Jornal da Record é o primeiro em formato multiplataforma da emissora e apresenta cinco edições distribuídas durante o dia. A edição tradicional é apresentada por Christina Lemos e Celso Freitas e vai ao ar às 19h45 com uma hora de duração. Os outros quatro boletins são transmitidos ao vivo pela TV Record com as principais notícias do momento. O quinto boletim é exclusivamente realizado para a Internet²⁶. O JR já foi transmitido às 19h e às 18h45, apresentando de 30 a 45 minutos de duração, tendo seu horário alterado por questões práticas de programação, tais como o lançamento de telenovelas, por exemplo (MAIA, 2007).

Através de constantes reportagens sobre crimes, o JR, para Ferreira e Sampaio (2011), anuncia o caos, constrói diariamente um discurso de medo em relação ao mundo real e constrói uma intimidade com o telespectador, através de expressões coloquiais e momentos nos quais o programa “conversa” diretamente com o espectador (FERREIRA; SAMPAIO, 2011). Criado na década de 1980, o JR nasceu com a pretensão de ser o primeiro telejornal em rede da Record. Seus primeiros apresentadores foram Paulo Markun e Silvia Poppovic. Depois, jornalistas como Carlos Nascimento (1989-1990) e Chico Pinheiro estiveram à frente do telejornal. Pinheiro, que já havia trabalhado na TV Band, estreou como âncora no JR em 1995 e deixou o JR no mesmo ano, depois de declarar à imprensa que a emissora era proibitiva em assuntos que não eram de interesse da IURD. A partir do episódio, assumiram os jornalistas Ney Gonçalves Dias e Adriana de Castro (MAIA, 2007).

Em 1996, o JR registrou cinco pontos de audiência no Ibope, marcando o ano de grande crescimento na audiência dos telejornais da TV Record. Neste mesmo ano, o jornalista Boris Casoy foi contratado pela emissora, mas assumiu como âncora do JR somente em julho de 1997, dando início a segunda fase do telejornal. A TV Record rescindiu o contrato com Casoy em dezembro de 2005, alegando que o âncora não concordava com as mudanças em andamento - a introdução de uma mulher para dividir a bancada do telejornal e a centralização do jornalismo da emissora, já que Casoy se mantinha independente do restante da equipe.

²⁶ Descrição do Jornal da Record realizada pela própria emissora em sua programação. Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/programacao>>. Acesso em 23 de maio de 2022.

Em entrevista, Casoy relatou ter o contrato interrompido com a Record, depois de oito anos e meio apresentando o Jornal da Record, pois a emissora queria mudanças no telejornal e ele não estaria dentro do novo formato. Para Casoy, o real episódio da demissão é explicado através da conversa entre o Bispo Crivella, funcionário da Record na época, e o então Ministro José Dirceu. Segundo Casoy, Crivella havia se reunido com o ministro - que relatou insatisfação com as críticas dirigidas de Casoy a ele:

“O bispo Crivella me ligou um dia e disse - estive hoje com o ministro José Dirceu. O ministro reclamou que você fez vários ataques, cinco ataques a ele, no jornal de ontem. Eu disse olha, eu não fiz ataque nenhum bispo. Ele disse olha, para mim não me interessa. Eles são o poder e nós temos interesse. Foi essa resposta que ele me deu.”²⁷

A saída de Casoy iniciou uma nova fase para o JR, inspirado nos modelos do Jornal Nacional e com dois apresentadores que já haviam trabalhado na Rede Globo, Celso Freitas e Adriana Araújo (MAIA, 2007). Em entrevista, Casoy reiterou que a emissora tinha uma boa equipe, mas tinha de se decidir se era uma emissora de TV, uma igreja ou um partido político, dizendo que as três coisas ao mesmo tempo eram uma mistura explosiva²⁸.

Outro episódio de possível alinhamento político envolvendo o JR ocorreu em outubro de 2018, no dia do debate entre os candidatos presidenciais na Rede Globo, do qual Jair Bolsonaro não participou - alegando não ter sido liberado por sua equipe médica depois da facada que sofreu em Juiz de Fora, Minas Gerais. Concomitante ao debate, foi transmitida pelo Jornal da Record uma entrevista de 30 minutos com o então candidato, realizada na casa de Bolsonaro. Partindo de um possível alinhamento entre a Record e Bolsonaro, Porto et al. (2020) analisou comparativamente o tempo de tela dedicado a Fernando Haddad e Jair Bolsonaro no Jornal Nacional e Jornal da Record, durante o primeiro e segundo turno das eleições de 2018. O resultado da pesquisa indicou que o alinhamento da Record com Bolsonaro poderia ser comprovado apenas no primeiro turno, justamente devido à entrevista exclusiva concedida ao JR. No segundo turno, não houve diferenças significativas.

²⁷ Conferir entrevista de Casoy em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MdFk5-tWtK4&feature=youtu.be>>

²⁸ Disponível em: <https://www.terra.com.br/istoegente/346/entrevista/index_2.htm>

Ainda que vice-líder em audiência, atrás do JN, o JR foi considerado o único a ter crescido em 2021, enquanto seus adversários todos caíram em audiência²⁹. Este fato aconteceu num ano em que o mundo ainda estava noticiando sobre a pandemia do novo coronavírus, sobre o qual a maioria dos telejornais realizou coberturas especiais.

No JR, não foi diferente. Em 19 de abril de 2021, o telejornal lançou a série *Ciência na Pandemia*, com cinco matérias retratando os avanços nas pesquisas da doença³⁰. Em 3 de maio de 2021, a série *Insônia na Pandemia* foi lançada, também em cinco episódios, trazendo histórias do impacto da Covid-19 no sono do brasileiro³¹. Em junho de 2021, a série *Fome dos Invisíveis* foi criada pelo JR para mostrar os brasileiros atingidos pela fome durante a pandemia³². E por fim, no dia 11 de abril de 2022, o JR estreou a série intitulada *Voltando ao Normal*, a qual retratou as heranças pós-covid-19³³.

Há de se destacar um espaço especial ocupado por Augusto Nunes no JR, contratado em 2019 pela emissora. Nunes é comentarista do telejornal, participa em boletins diários e escreve colunas para o Portal R7. Embora tenha sido contratado para cobrir as principais questões políticas, Nunes prometeu “análises críticas e aprofundadas não só de política, mas dos fatos mais importantes do dia”³⁴.

O jornalista se destacou no início da pandemia da Covid-19, em 2020, através de suas declarações, como essa em março de 2020:

²⁹<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/com-bolsonaro-e-pandemia-jornal-da-record-e-o-unico-cresce-r-em-2021-72689>

³⁰<https://noticias.r7.com/jr-na-tv/series/ciencia-na-pandemia-nova-serie-do-jornal-da-record-estreia-nesta-segunda-19-19042021>

³¹<https://noticias.r7.com/jr-na-tv/series/nova-serie-jr-estreia-nesta-segunda-3-e-mostra-como-a-covid-19-afeta-o-sono-03052021>

³²<https://noticias.r7.com/jr-na-tv/videos/nova-serie-do-jornal-da-record-mostra-os-brasileiros-atingidos-pela-fome-durante-a-pandemia-15062021>

³³<https://noticias.r7.com/jr-na-tv/series/jornal-da-record-estreia-serie-sobre-a-volta-a-normalidade-nesta-segunda-11-12042022>

³⁴ Contratação de Augusto Nunes como comentarista do Jornal da Record, em 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RlrPBSc2ZdM>>. Acesso em maio de 2022.

“Quando o mundo voltar à normalidade, o balanço desses tempos estranhos poderá informar que as consequências da pandemia foram bem menos letais do que algumas providências adotadas para combater o coronavírus. Essas medidas resultam da epidemia de pânico, disseminadas por parte da imprensa, que se baseia em cálculos feitos por profetas do apocalipse. Num deles, deverão morrer 2 milhões de brasileiros. Toda morte é lastimável, mas esse cálculo é puro besteiro. (...) O que não faz sentido, é a reclusão de gente saudável e que não corre perigo por tempo indeterminado. Essa gente deve voltar ao trabalho o quanto antes, para garantir a própria sobrevivência e impedir a destruição da economia. A recessão aguda mata mais que epidemias³⁵.”

No dia 15 de abril de 2020, em outro momento de comentários durante o Jornal da Record, Augusto Nunes trouxe o discurso dos recuperados, um dos apelos presentes durante a pandemia:

“a imprensa tradicional não deu importância alguma ao fato que vale manchete - nesse momento, o Brasil só é superado por cinco países no *ranking* dos que mais recupera pessoas infectadas pelo vírus chinês³⁶”

É importante destacar que por se tratar de pronunciamentos quase diários no JR, essa pesquisa não pretende trazer todos eles. Este exercício poderia corresponder a uma pesquisa à parte. Esse capítulo trouxe alguns apontamentos sobre a Rede Record, o apoio de Macedo a Bolsonaro e alguns aspectos editoriais do JR e de sua cobertura durante a pandemia da Covid-19. Informações mais profundas sobre a cobertura do coronavírus na emissora exigem uma pesquisa mais completa da programação do jornalismo da Record durante o período. Por agora, são trazidas apenas algumas considerações que podem ser pertinentes para entender um possível alinhamento do JR com discursos bolsonaristas e negacionistas.

É válido ressaltar que, neste capítulo, há o intuito em evidenciar os perfis de telespectadores do JN e do JR, que corroboram com Mundim (2015), ao trazer a preferência dos católicos pelo JN e dos evangélicos ao JR - para além da ligação com a IURD, mas pelos valores veiculados pela Igreja. Entender que existem públicos distintos para cada telejornal reafirma a importância de uma análise comparativa, a fim de elaborar como cada telejornal construiu a sua linha editorial durante a pandemia da Covid-19.

³⁵Conferir pronunciamento Augusto Nunes em: <<https://www.facebook.com/JornalDaRecord/videos/augusto-nunes-opina-sobre-isolamento-causado-por-coronavirus%3%ADrus/2578833432445717/>>

³⁶ Conferir edição do dia 15 de abril de 2020, do Jornal da Record: <<https://www.youtube.com/watch?v=hqEweUcOfg>>

No próximo capítulo, a partir de algumas definições de pós-verdade, infodemia e desinformação, essa pesquisa irá perpassar por alguns recursos jornalísticos que podem ser importantes para evidenciar o momento passado pelo jornalismo durante a pandemia da Covid-19.

3. JORNALISMO EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE, INFODEMIA E DESINFORMAÇÃO

Este capítulo pretende abordar brevemente algumas relações entre o jornalismo, a (des)informação e a pandemia da covid-19, a primeira em tempos de pós-verdade. A partir de algumas breves definições desses termos, a pesquisa traz considerações sobre a verdade como experiência e a saúde na era da testemunha, com base em Sacramento, Santos e Abib (2020). Além disso, pretende-se discutir alguns recursos jornalísticos utilizados durante a pandemia do novo coronavírus, como o drama e a personificação.

Para Massarani, Castelfranchi e Pedreira (2019, p.12), mesmo com as mudanças causadas na esfera televisiva através das informações digitais e via redes sociais, a televisão ainda é “fonte hegemônica de informação e de difusão de agenda e representações sociais para os brasileiros”, especialmente os programas veiculados em horário nobre, os de notícias e os de informação como entretenimento. Ainda que durante a pandemia da covid-19, o uso massivo das redes sociais para informação pudesse questionar tal hegemonia televisiva, os dados de audiência dos telejornais cresceram durante a pandemia e corroboram com os autores³⁷.

Para Coutinho, Mello e Finger (2021), consideração importante envolvendo o jornalismo e a Covid-19 é o fato de práticas, tidas como certas, terem sido colocadas em xeque - os pesquisadores destacam a hegemonia da televisão, a maior procura de jovens pelo telejornalismo e o próprio aumento na audiência de telejornais. Em um período complexo, as telas invadiram os espaços privados e a incerteza tomou conta de todos, forçando a população a se informar cada vez mais.

Nesse período, a televisão foi importante para confrontar informações falsas disseminadas na *Internet* e situar a população nos novos acontecimentos da pandemia. Em meio a um caos (des)informacional, termos como infodemia e pós-verdade se fizeram presentes nos meios acadêmicos. Já na imprensa, a desinformação e as notícias falsas passaram a ser constantemente combatidas.

37

Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/audiencia-de-telejornalismo-explode-durante-criese-do-novo-coronavirus.shtml>>

A infodemia está relacionada a um grande aumento no volume de informações sobre um determinado assunto, em um período de tempo curto e específico, como foi no início da pandemia do novo coronavírus. Nesses momentos específicos as notícias aumentam e dão espaço para rumores e desinformação - que se espalham como um vírus. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) (2020, p.2), durante o mês de abril de 2020, 361 milhões de vídeos contendo as palavras “COVID19” ou “COVID-19” foram carregados no *Youtube*; 19.200 artigos sobre o assunto foram publicados no Google Scholar e 550 milhões de tuítes continham termos relacionados à covid-19 (coronavirus, corona virus, covid19, covid-19, covid_19 ou pandemic).

O conceito de pós-verdade ganhou notoriedade ao ser escolhida como palavra do ano pelo dicionário *Oxford* em 2016, cujo significado em tradução livre é “circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais”.³⁸ Embora tenha se popularizado durante esse episódio, o termo foi usado pela primeira vez em 1992 em um artigo escrito por um cineasta, discutindo pós-verdade como uma inclinação social em que o que se imaginava verdadeiro era mais importante que a verdade (SIEBERT; PEREIRA, 2020). A pandemia da Covid-19, portanto, foi a primeira em tempos de pós-verdade.

Já no que diz respeito à desinformação, Wardle e Derakhshan (2017) apontam que existem três tipos de desordem na informação. São elas: (1). *dis-information* - quando a informação é falsa e criada, intencionalmente, para atacar pessoas, grupos sociais, organizações ou países; (2). *mis-information* - a informação é falsa, mas não foi criada com a intenção de causar dano e (3). *mal-information*, quando a informação é baseada na realidade e é utilizada para causar dano em pessoas, organizações ou países, como os discursos de ódio, por exemplo.

É interessante destacar, ainda, um aspecto apontado por Sacramento, Santos e Abib (2020, p. 5) sobre retórica bolsonarista durante a pandemia – aspecto esse que se alinha aos conceitos de pós-verdade e desinformação:

(...) ao mesmo tempo que acena para o reconhecimento das credenciais e da legitimidade dos atores e das formas de produção de conhecimento historicamente mediadas pelos procedimentos científicos, eleger os testemunhos do próprio presidente curado da COVID-19, assim como de

³⁸ Disponível em: <<https://www.lexico.com/en/definition/post-truth>>

médicos e pacientes que também experienciaram a doença, como autoridades de uma ordem superior na disputa pela verdade em torno do uso da (hidroxi)cloroquina.

Neste momento de pós-verdade, deixou-se de recorrer à comprovação científica - que passa por um percurso metodológico previsto pela Ciência - e o testemunho passou a ser de mais valia. O relato “colocou o corpo no discurso, oferecendo ao público uma prova viva: a prova é a própria vida, a própria experiência vivida” (SACRAMENTO; SANTOS; ABIB, 2020, p. 11).

O discurso da experiência como prova legitimou o uso de diversos medicamentos profiláticos para a Covid-19 - muitos sem eficácia científica comprovada e a maioria com ineficácia comprovada posteriormente -, mas além deste discurso, alguns negacionistas colocavam em dúvida a própria existência da doença. Assim, o jornalismo precisou criar narrativas que, além de informar e esclarecer a desinformação, também provassem à população que a doença era real.

O drama como recurso jornalístico foi amplamente utilizado durante a cobertura da doença, sobretudo em matérias de personificação - onde a notícia é construída e narrada a partir de um relato pessoal. Para Coutinho e Mata (2010), quando as narrativas do povo são inseridas na tela, os telejornais se apresentam como mediadores entre quem narra sua história, a vida particular do telespectador e suas relações com a sociedade.

Alguns recursos narrativos trazidos durante a pandemia há muito já são presentes no cotidiano dos telejornais. Para Coutinho (2012), os noticiários operam com características que se aproximam de uma histórica ficcional, com personagens e dilemas cotidianos que nos aproximam de uma narrativa editada, semelhante à da teledramaturgia.

O recurso da teledramaturgia foi um dos utilizados pelo JN durante a pandemia da covid-19, apresentando em sua narrativa ficcional os mocinhos, como os profissionais da saúde; os vilões, como a covid-19, a superlotação dos leitos hospitalares, a crise sanitária e a isenção por parte de autoridades. O drama foi destacado através da luta pela sobrevivência e da dor da perda, por parte dos familiares (SIQUEIRA; FREIRE; SOUZA, 2021).

Breves considerações trazidas neste capítulo são fundamentais para entender a difícil relação entre jornalismo e a cobertura do novo coronavírus,

portanto, estarão presentes na divulgação dos resultados e discussão do trabalho. O próximo capítulo é relacionado à metodologia à qual esta pesquisa foi submetida.

4. METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevemos o caminho metodológico que orientou a análise deste trabalho.

4.1. DIA 8 DE AGOSTO DE 2020

Em meio às tensões entre os discursos científicos e negacionistas que pairavam sobre o Brasil no ano de 2020, o telejornalismo exerceu um papel importante como meio de informação para a população. Levando esse aspecto em consideração, essa pesquisa buscou confrontar coberturas sobre a pandemia do novo coronavírus, realizadas por dois telejornais nacionais com linhas editoriais distintas. Os escolhidos foram o Jornal Nacional e o Jornal da Record, líderes de audiência entre os telejornais.

Buscou-se, a partir da comparação entre os dois telejornais, entender suas particularidades na maneira como as matérias sobre a pandemia do novo coronavírus foram noticiadas.

Como a cobertura da covid-19 foi (e ainda é) intensa nos noticiários brasileiros, foi necessário buscar por um recorte específico - um dia importante, uma semana específica, um evento marcante - para que aspectos particulares da pandemia pudessem ser evidenciados.

Ainda sem um recorte definido, várias edições do JN e JR foram assistidas, em diferentes momentos de 2020, até que chegou-se ao dia 8 de agosto de 2020, data de quando o Brasil atingiu a triste marca de 100 mil mortos pela covid-19. O dia foi considerado ideal para a análise, pois, diante do número de vítimas da doença, sua letalidade não poderia ser ignorada por nenhum telejornal, independentemente da linha editorial seguida, o que poderia colocar o discurso negacionista em xeque pelo apelo emocional e trágico intrínseco à data.

Enfim, 8 de agosto foi escolhido como recorte para a pesquisa, a fim de investigar como o JN e o JR noticiaram as 100 mil mortes e a pandemia da Covid-19 neste dia. Partindo do fato que há posições distintas entre as emissoras, como já abordado, a pesquisa buscou sondar, no JN e JR, possíveis alinhamentos críticos ou favoráveis ao Governo Federal, Jair Bolsonaro e as medidas científicas. Isso se fez possível a partir da exploração ampla do protocolo de análise de conteúdo a qual foi submetida esta pesquisa, no intuito de explorar de que maneira esses alinhamentos

se fizeram presentes nas reportagens veiculadas. A análise foi realizada a partir da edição como um todo, no entanto, apenas as matérias relacionadas ao coronavírus foram consideradas como *corpus* para a análise de conteúdo propriamente dita.

4.1.1 As matérias relacionadas à covid-19

A edição do Jornal Nacional do dia 8 de agosto de 2020 foi assistida na íntegra, na plataforma *Globoplay*. Já a edição do mesmo dia do Jornal da Record foi assistida no canal do *Youtube* da própria emissora, que disponibiliza todas as edições do telejornal.

Todas as matérias que citaram a Covid-19, incluindo seus desdobramentos sociais, foram identificadas como matérias relevantes para a análise de conteúdo, já que o intuito desta análise foi o de identificar de que maneira a cobertura sobre o novo coronavírus estava sendo realizada. Assim, todas as matérias que mencionaram a doença ou algum aspecto trazido a partir dela foram consideradas relevantes. Como exemplo, temos a reportagem que relata a dificuldade de passageiros em receber estornos sobre compras de viagens aéreas durante a pandemia, em que, embora a pandemia não fosse a protagonista, sem ela o fato não teria acontecido.

As edições de ambos os telejornais neste dia foram assistidas várias vezes e as matérias relacionadas a covid-19 foram contabilizadas. Posteriormente, foi realizada uma breve descrição do que se tratava cada matéria, em diários de anotações. As matérias foram assistidas novamente, mais algumas vezes, mas agora as matérias sobre covid-19 foram submetidas à aplicação do protocolo de conteúdo, cujas categorias serão melhor detalhadas na próxima seção. Os dados foram registrados em planilhas no *Excel*.

4.2. O PROTOCOLO DE ANÁLISE

Para a análise das matérias de covid-19 utilizou-se como base o protocolo para análise de conteúdo de notícias científicas, estabelecido por Ramalho et al. (2012), cujo ponto de partida se deu a partir de ferramentas utilizadas por Bauer, Ragnarsdóttir e Rúdólfsdóttir (1993), a princípio para notícias impressas, mas adaptadas pelo grupo para aplicação em telejornais. Este protocolo é organizado em sete dimensões: 1. Características gerais; 2. Relevância; 3. Tema; 4. Narrativa; 5. Tratamento; 6. Atores e 7. Localização. Para este estudo, no entanto, foram

consideradas apenas as categorias Características gerais, Relevância, Narrativa e Atores, com ajustes para se adequarem melhor à temática em análise, como será detalhado a seguir no quadro 1 e melhor discutidas à frente.

Quadro 1. Dimensões e categorias de análise utilizadas no protocolo de análise de conteúdo

Dimensões	Categorias de Análise
1. Características gerais	Nome do telejornal Data de exibição
2. Relevância	Duração da matéria
3. Narrativa	Enquadramento
4. Atores	Fontes Vozes

4.2.1 Dimensão características gerais: nome do telejornal e data de exibição

A dimensão Características gerais visa identificar características particulares de cada reportagem, para facilitar sua identificação na amostra. Essa dimensão é fundamental quando telejornais distintos são analisados, bem como dias diferentes de análise, servindo também como uma forma de organização do corpus de pesquisa. No caso deste trabalho de conclusão, apenas o Jornal Nacional e o Jornal da Record são identificados. A data de exibição também é a mesma, dia 8 de agosto de 2020.

4.2.2 Dimensão relevância: duração da matéria

A dimensão Relevância trazida neste trabalho prevê o registro da duração das matérias como uma categoria de análise, considerando que quanto maior o tempo de uma matéria mais o telejornal dá ênfase e relevância ao assunto. Embora, há de se considerar os parâmetros de recepção do telespectador na atualidade, já que com uma preferência social cada vez maior por vídeos curtos e nas redes sociais, um vídeo mais longo pode não ser assistido até o fim.

4.2.3 Dimensão narrativa: enquadramentos

A dimensão Narrativa é composta pela categoria de enquadramentos, que parte do princípio de que a notícia apresenta um elemento temático central (ou elementos centrais), que deve(m) ser identificado(s). Tais elementos temáticos se apresentam através de destaques trazidos pelos jornalistas nas matérias, na tentativa de trazer questões complexas de maneiras mais acessíveis para o público (RAMALHO et al., 2012, p. 15).

A partir de todas as matérias de covid-19 assistidas e analisadas, alguns enquadramentos foram identificados dentro do *corpus* de análise. Os enquadramentos considerados na pesquisa são os de políticas públicas, o científico, de impactos econômicos e sociais da pandemia e de personificação.

A tabela 1 indica quais os elementos e características centrais abordados pelas matérias, tornando-as pertencentes aos enquadramentos identificados. É válido reiterar que uma mesma matéria pode estar na intersecção entre mais de um enquadramento. Nesses casos, mais de um enquadramento foi considerado em uma mesma matéria.

Tabela 1. Descrição dos enquadramentos encontrados

ENQUADRAMENTO	DESCRIÇÃO
POLÍTICAS PÚBLICAS	<p>Identificado quando a reportagem está relacionada a algum tema de políticas públicas, seja na área de saúde pública, da ciência, dos direitos coletivos à saúde e das medidas científicas adotadas no enfrentamento da covid, como nos exemplo abaixo:</p> <ul style="list-style-type: none"> a. Posicionamentos, orientações, decisões, discursos, apelos relacionados à medidas de ciências e saúde (ou a falta de) por personalidades/autoridades b. Cobranças de posicionamentos, orientações, decisões e declarações de autoridades. Busca por culpados pela tragédia consumada pelo coronavírus (mortos, infectados, crises econômicas e de saúde pública) c. Direito à saúde, questões de saúde pública, recursos, ocupação de leitos, falta de respiradores/uso de respiradores manuais, SUS, taxa de ocupação, investimento público em saúde, cobrança por medidas de enfrentamento e prevenção ao vírus por parte de autoridades. Assuntos relacionados a investimento público em pesquisa em ciência, tecnologia e saúde

<p>CIENTÍFICO</p>	<p>Quando a reportagem informa sobre aspectos científicos e de saúde relacionados ao novo coronavírus. Por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> a. Informações quantitativas sobre novos casos: médias semanais, taxas de transmissão, mortes, avanço, queda e estabilidade da curva de transmissão, vacinas etc b. Orientações científicas com o intuito de evitar a transmissão e/ou ajudar na identificação do coronavírus, tais como: medidas de distanciamento físico, quarentena, busca por medicamentos, sintomas vinculados a covid-19, pessoas assintomáticas, uso de máscaras, vacinas, medidas de higiene, lavagem dos produtos do supermercado, uso do álcool em gel, manter os ambientes ventilados etc c. Pesquisas, testes, explicações sobre a doença, especialistas se pronunciando em relação ao que é o novo coronavírus, novas pesquisas e enfrentamentos ao covid-19
<p>IMPACTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA PANDEMIA</p>	<p>As reportagens deste enquadramento estão associadas a questões financeiras e sociais provenientes da pandemia, geralmente relacionados à construção de um 'novo normal' derivado da quarentena. Por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> a. O novo normal e a solidão 'imposta' pela quarentena - novos hábitos. b. Fraudes em auxílios emergenciais, propostas econômicas para beneficiar prejudicados financeiramente pelo novo coronavírus c. Prejuízo financeiro de comerciantes e cidadãos comuns, afetados pelo novo coronavírus em geral que tiveram suas atividades de trabalho pausadas ou alteradas na pandemia d. Novas formas de relações de trabalho com a pandemia, criação de lojas <i>online</i>, audiências virtuais, aulas em ensino híbrido, pessoas que ainda não foram ressarcidas por serviços que adquiriram antes e durante a pandemia e. Setores prejudicados financeiramente pelo novo coronavírus

PERSONIFICAÇÃO	<p>Quando a reportagem é construída a partir de relatos dos dramas pessoais de afetados pelo covid-19, além disso, a situação dramática está atrelada a aspectos da subjetividade humana</p> <ul style="list-style-type: none">a. Podem ser sobreviventes, mortos, recuperados, recuperandos, familiares que perderam entes queridos, profissionais da saúde na linha de frenteb. Quando a reportagem aborda aspectos sobre dor, luto, sofrimento, homenagens, tragédia, morte, esperança, doações, pronunciamentos aos mortos, lamento as vidas perdidas, discurso de “não são só números” e todas as vidas importam. Neste sentido, a personificação também pode se dar através de líderes religiosos
-----------------------	--

4.2.4 Dimensão de atores: fontes e vozes

Essa dimensão de análise está relacionada aos atores retratados nas matérias, visando identificar quais foram as personagens escolhidas para construir as notícias. O intuito do protocolo ao estabelecer essa categoria de análise foi identificar que atores sociais são legitimados pelo telejornal para servirem de fonte a uma matéria – ou seja, quais atores e suas demandas são visibilizados nas matérias –, quais atores merecem ter suas vozes ouvidas por meio de entrevistas e de que maneira as duas categorias se relacionam. Todas as vozes são também fontes, pois através do seu discurso trazem alguma informação, mas nem todas as fontes são vozes, já que uma matéria pode ser construída a partir de uma consulta a revista, ou qualquer outro documento ou meio de informação (RAMALHO et al., 2012, p. 18).

As opções de fontes e vozes previstas no protocolo proposto por Ramalho et al. (2012) foram adaptadas para essa pesquisa. São elas: cientistas/professores universitários (ou representantes de institutos de pesquisa e universidades); profissional de saúde; especialistas (sem vínculo institucional); representante do poder legislativo/judiciário (leis ou representantes); representante do governo (executivo); representante de agência reguladora; representante da indústria/comércio/produtores; organismos internacionais; cidadãos comuns; cidadãos infectados pelo coronavírus; familiares dos infectados e cidadãos economicamente prejudicados. Além disso, para a categoria de fonte foram acrescentados às seguintes categorias: agência de notícias e jornais e sites e publicações científicas.

O protocolo original previa apenas cidadãos comuns como um elemento de análise, no entanto, para essa pesquisa, se fez necessário explicitar ainda mais as características do cidadão dentro da reportagem, uma vez que tiveram suas histórias amplamente abordadas nas matérias, dentro de enquadramentos tão distintos. De tal forma, além dos cidadãos comuns, foram trazidos especificamente os cidadãos infectados pela Covid-19, os familiares dos infectados e os cidadãos que foram afetados economicamente - partindo do pressuposto que a maioria dos brasileiros foram afetados economicamente e socialmente durante a pandemia, mas que essa categoria não trouxe cidadãos lidando com o luto e o sofrimento de uma maneira tão direta.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os dados obtidos a partir da aplicação do protocolo, tais como a quantidade e duração de matérias relacionadas a covid-19 em ambos os telejornais; as descrições de cada matéria de covid-19 transmitida; os enquadramentos identificados e as fontes e vozes presentes nas matérias.

Os resultados provenientes da análise de conteúdo serão apresentados de maneira comparativa, a fim de confrontar a cobertura acerca do coronavírus do JN com os do JR. Pretende-se discutir como cada telejornal abordou as questões da pandemia e o que podemos tentar inferir a partir desse dia simbólico, partindo da certeza que é apenas uma pequena parte dessa complexa tarefa em compreender o imaginário criado por cada emissora sobre o coronavírus

5.1. QUANTIDADE E DURAÇÃO DAS MATÉRIAS

A tabela 2 apresenta a quantidade de matérias totais e aquelas relacionadas à covid-19 presentes nos dois telejornais e suas respectivas durações.

Tabela 2. Quantidade de matérias e duração de matérias totais e sobre covid-19

JORNAL	TOTAL DE MATÉRIAS	DURAÇÃO TOTAL	MATÉRIAS DE COVID-19	DURAÇÃO COVID-19	DURAÇÃO MÉDIA COVID-19
JN	18	1h04min36s	10	0h38min58s	3min54s
JR	33	1h03min25s	14	0h32min10s	2min18s

Em relação ao total de matérias de cada telejornal, o JR apresentou uma quantidade superior de matérias se comparado ao JN (33 x 18). Em relação às matérias relacionadas à covid-19, que foram submetidas a análise de conteúdo, o JR também apresentou um número maior, se comparado ao JN (14x10), muito embora o JN tenha apresentado uma proporção maior de matérias de covid-19 em relação ao seu número total de matérias – 55,5% das matérias da edição do JN foram dedicadas à cobertura da covid-19, enquanto 42,4% das matérias do JR envolviam covid-19. Além disso, quando comparada a duração média de cada reportagem relacionada à covid-19, o JN apresentou um tempo médio maior (3 minutos e 58 segundos), se comparado ao JR (2 minutos e 18 segundos).

5.2. AS MATÉRIAS RELACIONADAS À COVID-19

As tabelas 3 e 4 abaixo apresentam uma breve descrição sobre as matérias assistidas e analisadas no JN e JR durante o dia 8 de agosto de 2020.

Tabela 3. As matérias de covid-19 no Jornal Nacional³⁹

MATÉRIA (COVID-19)	JORNAL NACIONAL	DURAÇÃO
01	Editorial - 100 mil mortos	4min19s
02	A perda de brasileiros para o covid-19	4min43s
03	O problema com respiradores e leitos de U.T.I na Santa Casa do Mato Grosso do Sul	1min55s
04	Homenagens para os mortos de covid-19 na praia de Copacabana	1min12s
05	Medidas de Trump nos Estados Unidos para os impactados pela covid-19	31s
06	Brasileiros que se recuperaram do covid-19 e o que dizem os especialistas	4min21s
07	Jussara Ferreira - a grávida que se recuperou do covid-19	2min17s
08	Crítica ao não pronunciamento de Jair Bolsonaro sobre os 100 mil mortos	6min13s

³⁹ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/8763064/>>.

09	Dados e retrospectiva de casos e mortes do novo coronavírus	5min4s0
10	Em que país cabe tanta dor? Líderes religiosos falam sobre dor, morte, sofrimento e cosmovisões	8min23s

Tabela 4. As matérias de covid-19 no Jornal da Record⁴⁰

MATÉRIA (COVID-19)	JORNAL DA RECORD	DURAÇÃO
01	Dados da pandemia do novo coronavírus	47s
02	Homenagens aos mortos na praia de Copacabana	22s
03	Pesquisa mostra novos hábitos trazidos pela pandemia do novo coronavírus	3min17s
04	Pesquisas do Hospital Moriah em São Paulo sobre pacientes curados que não recuperaram o paladar	2min54s
05	Pesquisas apostam no uso de cachorros farejadores para detectar pacientes com covid-19	2min54s
06	Manifestação do Presidente Bolsonaro em relação aos 100 mil mortos	1min20s
07	Impacto da Covid-19 nos comércios	2min24s
08	Audiências virtuais na pandemia	2min54s
09	Comércio em Porto Alegre - Dia dos Pais e pandemia	2min32s
10	Pandemia e educação	2min29s
11	Dificuldade em estorno de passagens aéreas	2min29s
12	O mercado de imóveis começa a dar sinal de recuperação	2min25s
13	Pandemia e esporte: atletas olímpicos voltaram a treinar	1min30s
14	Quarentena, solidão e a comemoração do dia dos pais	3min43s

⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bm_KS9NYTIQ&t=1008s>.

5.3. DESCRIÇÃO DAS MATÉRIAS

5.3.1. Jornal Nacional

Na primeira matéria do JN, o editorial de 100 mil mortos, os dois apresentadores começam informando sobre a marca histórica do número de vidas perdidas para o novo coronavírus. Leem o artigo 196 da Constituição Federal de 1988, que garante a saúde como um direito de todos. Reportam que o Brasil está há doze semanas sem um Ministro da Saúde titular e que dois médicos, ex-ministros, deixaram o cargo, pois pretendiam seguir orientações da ciência, postura menosprezada pelo Presidente Jair Bolsonaro. Reiteraram pronunciamentos de Bolsonaro acerca da pandemia, tais como o que ele a chama de “gripezinha⁴¹”, o que diz que não é coveiro⁴² e as críticas ao isolamento que vão “na contramão do bom senso”. Os apresentadores do JN dizem ainda que o resultado disso tudo foi a confusão e a perplexidade de muitos cidadãos brasileiros que ficaram sem saber em quem acreditar.

Há menções a leitos que não foram comprados a tempo por prefeitos, governadores e o presidente, além da busca por culpados pela crise de saúde pública, intensificada por medidas (ou faltas de) por parte de representantes políticos. Como resultado, a propagação do vírus foi intensificada e conseqüentemente, o resultado dessas ações foi percebido através do número de mortos pelo coronavírus. O editorial é finalizado com as perguntas: “O presidente da República cumpriu esse dever?”; “Entre os governadores e prefeitos, quem cumpriu? Quem não cumpriu?”.

Ainda há a menção de que não se pode naturalizar as vidas perdidas, pois o número de 100 mil mortos não poderia ser visto apenas como um número, mas sim como vidas de brasileiros que se foram. Esse discurso é ilustrado ao fundo do telejornal com fotografias dos brasileiros que perderam as suas vidas para a doença.

⁴¹ Pronunciamento do Presidente da República, Jair Bolsonaro (24/03/20). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE> e transmitido nacionalmente via televisão aberta.

⁴² Resposta dada à jornalista pelo Presidente Bolsonaro, além de outras declarações polêmicas acerca da pandemia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>>

Na matéria 2, a reportagem traz brasileiros que perderam a vida pelo coronavírus a partir de relatos emocionados de familiares. Os personagens escolhidos nas matérias são cidadãos comuns, como a Dona Sônia, por exemplo, que era profissional da saúde e, portanto, viu a sua vida no trabalho totalmente modificada no período de pandemia.

Outros relatos foram trazidos na reportagem, com menção a homenagens realizadas por parte da Prefeitura de Curitiba - caso do Odgar, de 60 anos, que morava na cidade e teve sua vida interrompida. Arícia, de 28 anos, foi internada em maio durante uma gravidez de risco, quando apresentou o diagnóstico de coronavírus. Depois de ter seu filho, morreu de parada cardíaca. Dona Berenice, 76 anos, de Feira de Santana, na Bahia, completaria 50 anos de casada e, diferente dos outros membros de sua família, não resistiu ao vírus. Por último, há menção aos primeiros descendentes dos primeiros habitantes do Brasil, na Aldeia Indígena Guadalupe em Mato Grosso, acometidos pelo coronavírus, dentre eles três parentes do líder Lucio Xavante morreram.

Na matéria 3, sobre a Santa Casa de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, há a menção à necessidade do uso de respiradores mecânicos - aparelho que é apertado manualmente, por pelo menos 30 minutos e com o revezamento de cada profissional - havendo a menção do cansaço físico de operar esse equipamento manualmente -, mas há também a questão de que alguns pacientes dependem desse equipamento por até seis horas. A reportagem fala sobre a adesão ao isolamento no estado - que caiu de abril para julho, mesmo com o aumento de casos da Covid-19 - e também lembra que aumentaram os números de acidentes, o que acabou por ocupar mais leitos em unidades de tratamentos intensivos (UTIs). O especialista trazido pela reportagem relatou que quanto menos pessoas na rua, menores as chances de acidentes, conseqüentemente, menos pessoas precisam de UTIs, tornando os leitos disponíveis para os pacientes com coronavírus.

Na matéria 4, de homenagem aos mortos pelo coronavírus na praia de Copacabana, a reportagem inicia com um cartaz que está na areia: "100 mil: Por que somos o segundo país em número de mortos?". Há menção ao fim de semana do dia dos pais, pois a marca trágica de cem mil mortos é atingida nesse período, portanto, a homenagem fica por parte de um pai que perdeu seu filho, Márcio, que tenta conscientizar outras pessoas a usarem máscaras e pensarem na saúde dos outros.

A reportagem traz ainda um episódio de Márcio, em outro protesto para chamar atenção para as mortes da pandemia em junho de 2020. Nessa ocasião, outro cidadão havia tombado as cruzes que estavam na areia da praia e foi Márcio quem as recolocou no lugar.

A matéria 5 menciona medidas de Donald Trump, na época presidente dos Estados Unidos da América (EUA), que assinou vários decretos para estimular a economia, sem depender da aprovação do Congresso. Trump prorrogou o seguro desemprego para quem perdeu o trabalho na pandemia, reduzindo o valor de 600 para 400 dólares; diminuiu o Imposto de Renda para quem ganha até 100 mil dólares por ano e renovou a isenção de quem não conseguiu pagar o financiamento estudantil ou imobiliário.

A matéria 6 traz imagens de pacientes recuperados do coronavírus saindo do hospital e cercados por profissionais de saúde, com máscaras e comemorando a alta dos pacientes com muitos aplausos. Após imagens de vários recuperados, em diversos hospitais, a reportagem traz o relato de especialistas sobre os novos aprendizados adquiridos na prática neste tempo de exceção, tais como os medicamentos que não têm eficácia comprovada, por exemplo.

A reportagem traz os médicos que receberam os primeiros infectados pela Covid-19, como a pesquisadora da Fiocruz Margareth Dalcolmo, além de novas explicações sobre a doença - que agora sabe-se que vai além dos pulmões, podendo afetar o coração, o fígado, os rins, o sistema digestivo e o cérebro.

A infectologista Tania Vergara, presidente da Sociedade de Infectologia do Rio de Janeiro, explica como o vírus Sars-Cov 2 se liga aos receptores do nosso corpo. Também destaca que precisamos ter sistemas de saúde preparados para qualquer contingência, tais como os da Alemanha, por exemplo, país que investe constantemente em ciência. A mesma relata que esses investimentos, no Brasil, vem reduzindo. “Improviso não combina com coisa bem feita”, finaliza.

A matéria 7 traz a história de Jussara, grávida de sete meses que descobriu que estava com covid-19. A piora da doença foi rápida e ocasionou em um parto de emergência. Jussara venceu a covid-19 depois de 30 dias, sendo 28 dias na UTI. Conheceu seu filho depois de receber alta, mas a criança teve que ficar mais trinta dias para ganhar peso. A reportagem retrata Jussara indo buscar o seu filho em Ipatinga, Minas Gerais, para que, finalmente, ambos pudessem ir para casa encontrar os familiares que estavam esperando pelo reencontro.

Há imagens de Jussara deixando a ala hospitalar, de seu filho recém-nascido ainda sob cuidados médicos, do esperado encontro no hospital e dos familiares reunidos esperando pela chegada da criança em casa. Em relato para a reportagem, Jussara está acomodada em casa, segurando o seu filho em reunião transmitida através de videoconferência.

A matéria 8 destaca a não manifestação pessoal de Jair Bolsonaro sobre os 100 mil brasileiros mortos pelo novo coronavírus, destacando que o presidente apenas repostou parte das mensagens que a Secretaria de Comunicação do Planalto (SECOM) havia publicado no *Twitter*, em resposta a um post do ex-ministro Sérgio Moro.

Por outro lado, a matéria traz o tuíte de Sergio Moro na íntegra: “Não podemos nos conformar nem apenas dizer #CemMilEDaí. São mais de 100 mil mortos; 100 mil famílias que perderam entes para a covid. Que a ciência nos aponte caminhos e que a fé nos dê esperança”.

O JN transmite a resposta da SECOM a Sérgio Moro, onde escreveu: “Para um governo, muito mais do que palavras bonitas, a melhor forma de mostrar que se importa é trabalhando. Estamos todos do mesmo lado da trincheira na guerra que foi imposta ao mundo todo. E o Governo do Brasil tem trabalhado sem descanso desde o começo.”

Nos posts subsequentes, a SECOM reiterou: “Todas as vidas importam. Lamentamos cada uma das vítimas da covid-19, e de todas as outras doenças. Nosso lamento e nossas orações às vítimas. E para toda a nação, nosso trabalho, nossos esforços, nossos cuidados”; “O Governo do Brasil trabalhou desde muito cedo para não deixar ninguém para trás. Milhares de médicos e novas UTIs, milhões de equipamentos e remédios, bilhões em investimentos. São muitos os números que nos dão esperança. São muitos os números que merecem ser divulgados: - quase 3 milhões de vidas salvas ou em recuperação; - um dos menores índices de óbitos por milhão entre grandes nações; - um dos países que mais recupera infectados, sempre com índice de recuperação acima dos 95%.”

Seguido por outros posts que destacavam ações e investimentos realizados pelo Governo Federal durante a pandemia, a matéria destacou que a tragédia de cem mil mortos levou o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal a decretar luto oficial, prática não adotada pelo Palácio do Planalto.

Na reportagem, ainda, há notas de luto e solidariedade emitidas por Dias Toffoli, Davi Alcolumbre e Rodrigo Maia. Além disso, vários posts do *Twitter* sobre o acontecido são transmitidos no fundo da reportagem, exclusivamente composto por publicações de políticos - Sâmia Bomfim, Alessandro Molon, Marcelo Freixo, João Doria, Flávio Dino e outros - a maioria com tons críticos ao Governo Federal e exigindo medidas combativas mais eficientes.

São também transmitidas mensagens de organizações da sociedade civil como a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Academia Brasileira de Letras, a Anistia Internacional, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e o Conselho Nacional de Saúde (CNS). As entidades emitiram notas de luto, reiteraram a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) e também cobraram por medidas mais efetivas por parte do Governo Federal.

A matéria 9 traz os dados do novo coronavírus, entre os números de mortos e de novos casos. O repórter lamenta todas as vidas perdidas e atualiza os números diários da pandemia, através de fontes do consórcio de veículos de imprensa. Em 24 horas foram registradas 841 mortes e 46.305 novos casos, totalizando 100.543 mortos e 3.013.369 casos. Há menção à média móvel de mortes e de novos casos nos últimos sete dias; dos panoramas estaduais de mortos, indicando em quais estados as mortes estão em alta, em estabilidade ou em queda; de que dos 5.570 municípios brasileiros, 3.672 apresentaram mortes da covid-19; e por fim, a reportagem traz uma retrospectiva desde o início da pandemia, mostrando através dos números de mortos e casos como o Brasil chegou ao número de 100 mil mortos em agosto de 2020, a partir do primeiro caso, no dia 26 de fevereiro.

A matéria 10, e última do JN, traz os impactos subjetivos das mortes causadas pelo novo coronavírus. Trazendo frases como: “cem mil despedidas” e questionamentos como: “Em que país cabe tanta dor?”, a reportagem lida com o luto, a dor de perder alguém e as formas com que a humanidade vem refletindo sobre esses processos do luto através da ciência, da religião e da filosofia.

Trazendo líderes religiosos de várias doutrinas e intelectuais de diversas áreas, fala-se sobre cosmovisões e ancestralidades, reiterando as diversas maneiras de se lidar com a morte e de levar a vida à diante.

Ao fim da décima matéria, o telejornal finaliza em silêncio, sem mais intervenções dos âncoras. Ao fundo, o número de 100.543 mil mortos ilustra o encerramento do jornal.

Assim, em linhas gerais, pode-se dizer que a cobertura do JN, no dia 8 de agosto de 2020, teve foco especial no luto, na dor de quem perdeu entes queridos, na personalização das mortes (ressaltando-se histórias pessoais de quem faleceu, não apenas o número de vítimas), na luta de quem sobreviveu à doença (e na esperança que isso desperta), nas explicações dadas pela ciência sobre a doença e na crítica à condução da pandemia pelo poder público, sobretudo, pelo Governo Federal. Ressalta-se, ainda, que tanto a matéria de abertura do telejornal quanto a de encerramento trataram da pandemia e utilizaram, para tal, um forte tom emotivo.

5.3.2. Jornal da Record

A primeira matéria sobre covid-19, com apenas 47 segundos de duração, traz os números atualizados da pandemia - casos, mortes, últimos registros, recuperados e pacientes em acompanhamento. A fonte utilizada é a do Ministério da Saúde. É válido ressaltar que essa é a primeira matéria sobre covid-19 no telejornal, mas não é a primeira da edição, ou seja, ela não abre o telejornal. Em ordem de aparição no Jornal da Record, essa é a sexta matéria da edição, presente a partir do 12o minuto telejornal⁴³.

A segunda matéria relacionada à covid-19, identificada como matéria 2, traz as homenagens aos brasileiros que perderam a vida por causa do coronavírus na praia de Copacabana. Voluntários de Organizações Não Governamentais (ONGs) levaram cruces e balões vermelhos para a areia da praia, chamando atenção dos pedestres que ali passavam. É válido ressaltar que os temas das duas primeiras matérias sobre covid-19 do JR também foram abordados na edição do JN, porém com durações bastante discrepantes. Por exemplo: a matéria sobre a homenagem aos mortos na JR teve 22 segundos, enquanto no JN teve 1 minuto e 12 segundos.

A matéria 3 divulga, a partir de pesquisas realizadas através do Ibope Inteligência, os 'novos hábitos adquiridos na quarentena que devem ser mantidos' pelos brasileiros. A reportagem destaca alguns hábitos de higiene, trazendo o hábito de tirar os sapatos antes de entrar em casa, por exemplo, utilizando a história de um brasileiro que mora no Japão.

⁴³ Edição 08/08/2020 do JR disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bm_KS9NYTIQ>.

Outra história utilizada é a de Agenária, que também tira os sapatos antes de entrar em casa, mas relata que também limpa o celular, lava a capa dele, tira e lava os óculos e o brinco, logo após o banho. Em seguida, imagens de Agenária borrifando álcool em gel em suas sacolas plásticas do supermercado, enquanto a repórter proclama: “Novas práticas de higiene trazidas pela pandemia que parece vieram para ficar”.

“Lavar bem as frutas e verduras já era um hábito de muita gente, mas quem ia imaginar que um dia teria de higienizar todos os produtos trazidos do supermercado?” diz a repórter, enquanto imagens da pesquisa indicam que 47% dos brasileiros respondentes da pesquisa não pretendem abandonar o hábito de higienizar todos os produtos que comprar. Em seguida, a jornalista reitera que para os especialistas, a higienização é uma excelente forma de evitar a transmissão não só do novo coronavírus, mas de muitas outras doenças.

Logo em seguida, uma infectologista se pronuncia e destaca as outras doenças que podem ser evitadas a partir desses cuidados de higiene - toxoplasmose, leptospirose, hepatite. Após, há uma tabela para os hábitos adquiridos na quarentena e que devem ser mantidos pelos brasileiros, a partir de pesquisas realizadas pelo Ibope Inteligência, destacando que 51% dos participantes responderam poupar mais dinheiro, 22% cuidar pessoalmente da limpeza da casa e 19% cozinhar mais as próprias refeições.

Finalizando a leitura dos itens da tabela, a repórter questiona: “Exagero ou será que finalmente estamos aprendendo a cuidar melhor da nossa saúde?”.

A matéria 4 traz pesquisas sobre o Hospital Moriah, de São Paulo, que está verificando uma sequela comum da covid-19 - a perda do olfato - problema que pode persistir mesmo após a cura da doença. A reportagem traz a história de Giovana, infectologista que ficou frente a frente com a covid-19 todos os dias, foi infectada, curou-se, mas continuou sem o olfato.

A reportagem conta alguns fatos sobre o sintoma, que atinge 2 a cada 3 pacientes de covid-19. Na grande maioria dos casos, esse sintoma deve desaparecer em 1 mês, mas 5% dos pacientes continuam com a ausência de olfato mesmo depois de 3 meses do início da doença.

Trazendo o presidente da Academia Brasileira de Rinologia, Fabrizio Romano, há a menção de uma pesquisa realizada com trezentos pacientes que perderam seus olfatos. Os pesquisadores esperam ter o mapa detalhado da evolução do olfato dos pacientes com covid-19 e o médico avisa que existe tratamento através de estímulos olfativos com essências que estimulam as conexões neuronais do olfato, para que assim se tenha uma recuperação mais rápida. Giovana passou por esse tratamento e se recuperou.

A matéria 5 destaca pesquisas com cães farejadores, já famosos por ajudarem no combate ao crime, mas agora utilizados para identificar infectados pelo coronavírus - a habilidade dos cães despertou o interesse de especialistas que lutam contra a covid-19.

A reportagem relata que o Exército da Alemanha e pesquisadores da Universidade de Medicina Veterinária de Hannover estão treinando os cachorros, pois eles são capazes de cheirar os processos bioquímicos e as mudanças causadas pelo novo vírus. É relatado que o objetivo inicial da pesquisa é “que eles possam descobrir possíveis contaminados também nos aeroportos, e assim, dar mais segurança para o setor de viagens, um dos mais afetados pela pandemia”.

A matéria 6 traz a âncora do JR declarando que o STF e o Congresso decretaram luto pelas 100 mil vítimas do coronavírus e dizem que o Presidente Bolsonaro “se manifestou agora à noite”. Em seguida, uma repórter correspondente em Brasília toma a palavra e reitera o luto oficial de quatro dias decretado pelo Congresso Nacional, explicitando que a bandeira nacional ficará hasteada a meio mastro nesse período. Há a leitura da nota emitida por Dias Toffoli, e em seguida, a repórter diz: “O presidente Jair Bolsonaro passou o dia no Palácio da Alvorada. No início da noite, ele publicou em rede social, um post da Secretaria de Comunicação de Governo que destaca que todas as vidas importam. O texto lamenta as vidas perdidas, destaca orações e iniciativas para salvar vidas. O Governo também destaca que o Brasil é um dos países que mais recuperam pessoas infectadas pelo coronavírus”.

A matéria 7 ressalta os impactos da pandemia para os donos de lojas, reiterando a importância da *internet* e das lojas *online* para tentar suprir a crise do comércio. A reportagem fala da iniciativa de um empresário em criar um shopping virtual, incentivando o comércio local e mobilizando lojistas e consumidores. As imagens da reportagem são filmadas dentro de *shopping centers*, enquanto pessoas com máscaras vão às compras.

Uma das lojistas é entrevistada e garante que 50% das suas vendas ainda são pela *Internet*, inclusive, a maioria dos seus clientes que vão até à loja foram conquistados durante a pandemia, além de vender para fora do estado do Rio de Janeiro. A vendedora garante que a venda *online* foi excelente e se dependesse apenas das vendas físicas, não saberia se a loja estaria aberta.

A matéria 8 aborda o fato da quarentena ter levado a justiça a fazer audiências virtuais, relatando que muitos processos parados há anos foram concluídos. A reportagem traz relatos de Igor, um cidadão que participou de uma audiência virtual e garantiu que foi muito melhor e menos estressante do que ir até uma audiência presencial.

Além disso, são mencionadas as dificuldades de adaptação à tecnologia a partir de imagens de um desembargador sem camisa, um advogado deitado na rede e um procurador de justiça dormindo durante a sessão. Por suma, a reportagem é finalizada com a leitura de um ofício da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) enviada ao Tribunal Superior do Trabalho, onde se menciona que no Brasil há gravíssimas restrições de acesso à tecnologia, por isso, ninguém deve ser responsabilizado judicialmente em caso de problemas com a *Internet*. A OAB ainda adverte que audiências virtuais podem gerar futuras anulações de processos.

A matéria 9 abordou questões de alinhamento entre a Prefeitura da cidade de Porto Alegre e a Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. Enquanto o prefeito da cidade, por causa do fim de semana do dia dos pais, garantiu que seria possível deixar as lojas abertas por mais tempo, a Justiça determinou que a prefeitura cumprisse o decreto Estadual.

A reportagem trouxe filas na reabertura do mercado público da cidade, destacando que o acesso às lojas eram reduzidos e, portanto, a espera era maior. O repórter menciona que a movimentação lembrava tempos pré-pandemia, enquanto imagens de aglomeração eram transmitidas. Em seguida, uma cidadã dá o seu depoimento dizendo que estava precisando sair para comprar um tênis para a filha.

Para a prefeitura, aumentar os horários do comércio de rua e *shoppings* evitaria aglomerações, pois os consumidores teriam mais tempo para as compras. O Tribunal de Justiça, entretanto, determinou que a capital cumprisse o Decreto Estadual que permitia o funcionamento entre os horários de 10h às 16h.

Há a menção que a cidade de Porto Alegre estava na bandeira vermelha no período, fato que restringe ainda mais a abertura do comércio. Além disso, fora de contexto, há a menção que templos e igrejas permanecem fechados “apesar de decretos do Governos Federal e Estadual que consideram os serviços religiosos como essenciais”.

Ao final da reportagem, há o relato que a polícia fechou as lojas que permaneceram abertas após o horário previsto. A justiça negou o recurso da prefeitura, manteve o fechamento do comércio às 16h e proibiu a abertura aos domingos.

Após o término da matéria 9, inicia-se a matéria 10, abordando os brasileiros que deixaram de “honrar os compromissos financeiros por conta da pandemia” com um enfoque no setor da educação, um dos mais atingidos segundo o âncora do telejornal. A reportagem traz projetos de leis que buscam facilitar o pagamento de mensalidades em instituições de ensino através da concessão de descontos.

A matéria 11 indica as dificuldades de consumidores em receber estornos de viagens aéreas canceladas durante o período da pandemia, trazendo o relato da publicitária Gabriela, desabafando ter demorado muito para conseguir o estorno. A reportagem destaca ainda os trâmites legais acerca da responsabilidade de companhias aéreas e também os direitos dos consumidores - caso a viagem seja cancelada, o usuário pode ter que pagar uma multa, mas também pode ter o valor devolvido em forma de créditos.

A matéria 12 traz o mercado de imóveis dando sinais de recuperação, o que “pode ser um bom momento para quem planeja comprar a casa própria”, segundo o âncora do telejornal. A reportagem menciona que os estandes de venda ficaram fechados durante a pandemia, mesmo que as obras não. Há menção ao atendimento *online* realizado pelas imobiliárias, que utilizaram do novo modelo para trabalhar durante a pandemia.

A reportagem foi finalizada com Djalma, cidadão que trocou de imóvel e garante que o mercado imobiliário está muito bom para quem quer realizar o sonho da casa própria

A matéria 13 aborda atletas que viajaram para Portugal para desenvolver seus treinamentos e preparação para as Olimpíadas. Abordando aspectos de coronavírus, a reportagem menciona que a cidade para onde os atletas foram não apresentou uma morte pelo vírus. Todos os atletas foram testados antes da viagem e seguiram fazendo exames a cada duas semanas.

A matéria 14, última do telejornal, traz o dia dos pais diferente por causa da pandemia. Um âncora do telejornal reitera que “em datas festivas, ficar longe aumenta a solidão imposta pela quarentena” a outra diz que “a boa notícia é que tudo vai melhorar!”.

Há imagens de um idoso, falando de sua sacada - não posso sair de casa -, enquanto seu filho está embaixo de sua casa, na rua. A reportagem continua mostrando a relação de pai e filho e as mudanças ocasionadas pelo distanciamento físico. A repórter menciona que gerações diferentes aprenderam “através do peso da distância física, o significado mais profundo da palavra solidão” para que assim pudessem continuar protegendo e preservando a saúde das pessoas queridas. No fim da matéria, a história de Rafaela é relatada, a jovem auxiliar de cozinha está com saudades dos pais e suas imagens do último encontro com a família são transmitidas.

Assim, resumidamente, pode-se afirmar que a cobertura do Jornal da Record sobre a covid-19 abordou com mais ênfase questões econômicas e comerciais – cinco matérias trataram de comércio sob diferentes ângulos: comércio online, dia dos pais, dívidas contraídas na pandemia, estorno de passagens aéreas e mercado de imóveis. São de se destacar, também, as matérias envolvendo pesquisas científicas e aquelas que abordaram a necessidade de adaptação de rotinas, tanto profissionais quanto pessoais. Chama atenção a ausência de críticas ao poder público e a ausência de um tom tão emotivo quanto o do JN, embora a última matéria do JR traga um ar melancólico ao falar da solidão no dia dos pais.

5.4. ENQUADRAMENTOS ENCONTRADOS

As matérias foram codificadas de acordo com seus enquadramentos específicos, sendo que cada matéria poderia apresentar mais de um enquadramento. Por isso, o total de enquadramentos registrados é maior do que o total de matérias. A quantidade de reportagens para cada enquadramento segue abaixo, na tabela 5. Em seguida, cada enquadramento será detalhado.

. Tabela 5. Quantidade de matérias dos telejornais presentes em cada enquadramento.

ENQUADRAMENTO	JORNAL NACIONAL	JORNAL DA RECORD
POLÍTICAS PÚBLICAS	5	1
CIENTÍFICO	4	4
IMPACTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS	2	9
PERSONIFICAÇÃO	6	12

5.4.1. Políticas Públicas

No JN, cinco matérias foram identificadas neste enquadramento: 1,3,4,6 e 8. O JR apresentou a matéria 6 dentro deste enquadramento.

Pode-se perceber que, ao longo das matérias que compuseram a edição do JN, aquelas que apresentaram o enquadramento de políticas públicas proposto buscavam culpados pela má gestão da pandemia; orientavam medidas científicas no enfrentamento da doença; reportavam falta de equipamentos para o combate a covid-19; teciam críticas, através de especialistas, sobre a falta de investimento público na ciência brasileira e traziam pronunciamentos *online* de diversas personalidades sobre a não ação do Governo Federal em relação à pandemia.

Logo no início do JN, no editorial referente aos 100 mil mortos, há constantes críticas ao Governo Federal; a citações de Bolsonaro, como quando chamou a covid-19 de gripezinha; menção ao fato de que Bolsonaro demitiu Ministros da Saúde que queriam seguir orientações científicas; a leitura do art. 196 da Constituição de 1988, a qual a saúde é direito a todos e dever do Estado e a indagação sobre quem seriam os possíveis culpados pelas 100 mil vidas perdidas no Brasil.

Já no JR, o enquadramento de políticas públicas se fez presente através da matéria 6 do pronunciamento de Jair Bolsonaro trazido pela âncora do telejornal. Segundo o JR, o presidente havia publicado em rede social um post da Secretaria de Comunicação, destacando que todas as vidas importam e lamentando as vidas perdidas, além disso, o texto destaca que o Brasil é um dos países que mais recuperam pessoas infectadas pelo coronavírus. No telejornal, não há reportagens sobre investimentos públicos (ou falta deles) em ciência e saúde coletiva, nem sobre medidas de enfrentamento públicas da covid-19 nem sobre outros tópicos previstos por este enquadramento.

Esse enquadramento possibilita analisar a posição crítica do JN em relação ao Governo Federal, bem como para verificar um possível alinhamento do JR ao discurso bolsonarista. Em nenhum momento, o JR trouxe críticas ou menção a políticas públicas de enfrentamento, quase como se não houvesse uma responsabilidade por parte do governo em sanar a crise pública à qual estávamos submetidos.

As diferentes posições de cada telejornal referentes ao Governo Federal se tornam bem evidentes quando JN e JR abordam a postura de Bolsonaro diante das 100 mil mortes por covid-19. Bonner fala que, no sábado, quando o Brasil passou a contar, oficialmente, mais de 100 mil mortos pela pandemia, o presidente Bolsonaro “não se manifestou pessoalmente sobre a tragédia”, apenas havia repostado parte da mensagem da SECOM, em resposta à crítica do ex-ministro Sérgio Moro. No sentido contrário, no JR, a âncora diz que o presidente Bolsonaro “se manifestou agora à noite”. Em seguida, a correspondente cita o retuite de Bolsonaro do post da SECOM, sem muitas explicações. Vale destacar, ainda, que a matéria de crítica à postura de Bolsonaro no JN tem mais de 6 minutos de duração, enquanto que a matéria do JR tem apenas 1 minuto e 20 segundos.

Há, obviamente, escolhas editoriais diversificadas nesse momento, pois enquanto o JN esmiúça a posição do presidente ao apenas retuitar um *post*, o JR adota o ato de *retuite* como o próprio pronunciamento do presidente, ocultando a crítica feita por Moro e não trazendo o fato de Bolsonaro realmente não ter se pronunciado pessoalmente sobre a tragédia.

Outro fato ilustrativo é que o JN trouxe todas as mensagens da SECOM à tela, na íntegra. Enquanto isso, o JR trouxe apenas que o governo destacou que todas as vidas importam, lamentou as vidas perdidas, destacou orações e iniciativas para salvar vidas, além disso, destacou que o Brasil é um dos países que mais recupera pessoas infectadas pelo coronavírus.

5.4.2. Científico

Dentro do enquadramento científico, tanto o JN quanto o JR apresentaram quatro matérias. Para o JN, as matérias são as de número 1, 3, 6 e 9.

No JN, na primeira matéria, o editorial, este é enquadrado como científico, pois além de informar quantitativamente acerca dos 100 mil mortos, também transmite orientações científicas no enfrentamento da covid-19, tais como o isolamento social e o que o JN traz como as medidas de “orientações da ciência”.

Na matéria 3, sobre os respiradores da Santa Casa, há menção à taxa de isolamento social em Campo Grande, reiterando que a diminuição do isolamento está diretamente relacionada ao aumento da propagação do novo coronavírus e destacando a necessidade de leitos hospitalares livres para os infectados com coronavírus. Há a informação de dados sobre a adesão do isolamento no Estado.

Na matéria 6, a reportagem aborda os recuperados da covid-19 e traz cientistas e especialistas renomados para relatar os novos conhecimentos acerca do novo coronavírus.

Na matéria 9, os dados do novo coronavírus são informados, entre eles o número de mortos e infectados. Além disso, por ser um dia marcante, há uma retrospectiva desde o começo da pandemia que indica a escalada de propagação do vírus.

Para o JR, as matérias com enquadramento científico são as de número 1,3,4 e 5.

Na primeira matéria os dados da pandemia são mencionados, principalmente a marca de 100 mil mortos. O número de recuperados e pacientes em acompanhamento também são relatados.

A matéria 3 informa as pesquisas sobre os novos hábitos adquiridos durante a pandemia que vieram para ficar, tais como a higienização de produtos do supermercado, além do hábito de usar máscaras para sair de casa.

A matéria 4 se encaixa no enquadramento científico quando aborda o sintoma da perda do olfato, comum ao infectado pelo coronavírus. A reportagem aborda novas pesquisas acerca desse sintoma específico.

A matéria 5 menciona novas pesquisas de especialistas alemães utilizando cães farejadores para identificar processos bioquímicos e mudanças causadas pelo novo coronavírus. A meta da pesquisa é que os cães consigam diferenciar o vírus de uma gripe normal.

As matérias do JN são mais críticas em relação à gestão do Governo Federal e ao Presidente Bolsonaro, pois quando trouxeram as medidas científicas no editorial, o JN reiterou que Bolsonaro não concordou com a postura de dois médicos, ex-ministros da Saúde, que queriam seguir as orientações da ciência.

Quando compara-se a matéria 6 do JN com a 3 do JR, podemos ver algumas orientações editoriais diversificadas. Na matéria 6 do JN, uma especialista explicou como o vírus age em nosso corpo, o que se sabia de novo sobre a doença e teceu críticas sobre como o Brasil precisa ter um sistema de saúde preparado para contingências e investir mais em ciência. Essa intersecção de temas colocou a matéria 6 do JN dentro do enquadramento das políticas públicas.

Na matéria 3 do JR, dos novos hábitos, opta-se pelo enquadramento científico a partir da menção do uso de máscaras e das novas medidas de higiene, tais como a limpeza de compras do supermercado e a limpeza do aparelho celular.

A maioria das matérias do enquadramento científico do JN estão também presentes no enquadramento de políticas públicas (1,3 e 6), garantindo que há, por parte do JN, uma certa mescla entre os tópicos neste dia. O foco do JR dentro desse enquadramento é apresentar novos hábitos e novas pesquisas sobre covid-19, como é o caso das matérias 3, 4 e 5.

Ao usar aspectos científicos, o JN aborda a questão interseccional com as políticas públicas - fazendo críticas ao governo federal - mas também informando o que se sabe de novo sobre a doença - a capacidade de transmissão do vírus, como a Covid-19 passa de pessoa para pessoa, as formas de evitar a transmissão, como acompanhar melhor o paciente em ambulatório e ventila-lo mais precocemente e que muitos medicamentos não fazem efeito. Há um tom dramático e tenso, já que nessa matéria são transmitidas imagens amadoras de pacientes e profissionais de saúde, alocados em hospitais e equipados dos pés à cabeça. O tom tenso pode ser relacionado às críticas à falta de medidas públicas, dando a impressão que não há, realmente, um motivo para positividade em um momento tão caótico.

O JR trabalhou as questões científicas de formas mais positivas, tanto em relação às pesquisas transmitidas quanto aos benefícios trazidos pela pandemia do coronavírus. Optou-se pela veiculação de pesquisas em relação às sequelas, como a perda de olfato, por exemplo, a qual no início da reportagem, a âncora diz: “Olha só que boa notícia. Tem tratamento!”. Ao fim desta reportagem, há um depoimento que apela ao humor, por parte da cidadã que perdeu o olfato, relatando ter sentido falta e não mais se importar com o cheiro de cocô de seu filho. O relato foi recebido por um sorriso da âncora do JR. Logo em seguida, a próxima reportagem, também de novas pesquisas, a mesma âncora que sorri na matéria anterior, diz: “E pra ajudar o homem nessa tarefa, entra em ação um grande amigo”, enquanto ao fundo há uma música animada de ação e imagens de cães. Essa reportagem confirma o tom mais ameno, positivo e animado que as questões científicas são transmitidas pelo JR.

O Jornal da Record trouxe à tona o número de recuperados duas vezes na edição, uma dentro do quadro de informações e outra trazida por Jair Bolsonaro. Nas matérias relacionadas a veiculação dos dados da pandemia, no JN, o repórter inicia lamentando as vidas perdidas e não menciona informações sobre os recuperados da covid-19, apenas há sobre o discurso dos recuperados na matéria 6 trazida acima. No JR, a matéria sobre os dados tem a duração de 47 segundos e mesmo com a matéria curta, os números dos 2.094.293 recuperados e 817.642 pacientes em acompanhamento são trazidos na estatística, através de um quadro apresentado no telejornal, com fonte do Ministério da Saúde.

O discurso dos recuperados foi constantemente trazido em estratégia política durante a pandemia do novo coronavírus, altamente utilizado pelo Ministério da Saúde e aproveitado por Jair Bolsonaro e seus apoiadores. Os números de pacientes recuperados eram utilizados como comemoração e ações positivas do Governo Bolsonaro, negligenciado o fato de que os pacientes recuperados apresentam sequelas graves⁴⁴. O interesse do JR em veicular o número dos recuperados parece estar de acordo com uma tentativa em disseminar o discurso dos recuperados como uma ação positiva do governo Bolsonaro, sem problematizações sobre os seus significados, pelo menos neste dia 8 de agosto de 2020 analisado.

5.4.3. Impactos econômicos e sociais da pandemia

Dentro desse enquadramento, para o JN, duas foram as matérias presentes (5 e 10). Para o JR, esse enfoque fez parte de nove matérias (3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14).

A matéria 5 do JN dura apenas 31 segundos e é uma menção a medidas de Donald Trump, nos Estados Unidos, enquanto a 10 foca nos impactos sociais da pandemia, no sentido de tratar o luto e a morte.

⁴⁴Disponível

<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/covid-19-pode-deixar-sequelas-no-sistema-nervoso-central-diz-estudo/>>

Para as matérias do JR, o enfoque de impactos é bastante presente. Há três linhas gerais quando se tenta esmiuçar os temas abordados nas matérias. A primeira está relacionada a um 'novo normal' - caso das matérias 3 e 14. Na 3, há um tom positivo, indicando os possíveis benefícios trazidos pelas novas práticas de higiene. Na 14, há um clima mais melancólico, pois o fim de semana do dia dos pais é abordado, assim, o enfoque se deu em como esta data será diferente, já que a população vivia a "solidão imposta pela quarentena", nas palavras do jornal.

A segunda linha está ligada aos impactos sociais exclusivamente relacionados à economia, é o caso das matérias 7, 9, 10, 11 e 12. Como já foi dito anteriormente, essas matérias retratam novas medidas adotadas por brasileiros para continuar vendendo durante a pandemia, como a criação de lojas *online*, por exemplo; abordam aspectos de decretos municipais e estaduais, horários de funcionamento reduzidos pela flexibilização de horários, serviços essenciais e esses impactos para os comerciantes; brasileiros que não conseguiam mais honrar compromissos financeiros, até mesmo com a educação de seus próprios filhos; cidadãos que apresentaram dificuldades em estornos de compras em companhias de passagens aéreas; o mercado de imóvel é trazido como um setor promissor, prejudicado durante a pandemia, mas que dava sinais de recuperação.

A terceira linha envolve implicações trazidas por novas medidas durante a pandemia, tais como nas matérias 8 e 13. Na 8, as audiências virtuais são trazidas à tona, tendo ambos impactos positivos e negativos retratados; para a matéria 13, os atletas brasileiros que iriam para as Olimpíadas voltaram finalmente aos seus treinos depois de meses sem treinar.

Neste dia em específico do JR, há uma predominância pela retratação de impactos negativos para economia gerados pela quarentena, visto que este enquadramento apresenta a maior quantidade de matérias. Comparativamente, o JN apresenta apenas duas matérias, o que indica que neste dia, o JR, apresentou uma atenção maior com tais impactos econômicos.

Desde o início da pandemia do coronavírus, o isolamento físico foi trazido como um antagonista da economia, já que brasileiros em casa não poderiam ir ao trabalho. Em discurso a TV aberta no dia 24 de março 2020, Bolsonaro proclamou:

[...] Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o **desemprego** em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos. [...] O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. **Os empregos devem ser mantidos**. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que fechar escolas? (PLANALTO, 2020, grifo nosso).

O (des)emprego e os aspectos econômicos suscitados através de medidas protetivas durante a pandemia foram constantemente trazidos por Bolsonaro como um problema a ser combatido. Neste discurso, o presidente defendeu a volta à normalidade, questionou o motivo das escolas estarem fechadas e recomendou que autoridades não fechassem o comércio, reiterando sua preocupação com a economia. Em setembro de 2020, em mais um de suas declarações sobre a economia, Bolsonaro relatou “Fique em casa que a economia a gente vê depois: isso é para os fracos”⁴⁵. Este discurso ocorreu um mês depois das 100 mil mortes e Bolsonaro criticou as medidas que pediam para que a população ficasse em casa e menosprezou as mortes ao estar mais preocupado com a economia, novamente.

A partir dessas constatações e da análise realizada especificamente voltada para a edição do dia 8 de agosto de 2020, há um possível alinhamento do JR com o discurso da economia trazido por Bolsonaro neste dia, o qual a maioria das reportagens retratam impactos econômicos trazidos pela pandemia. No dia em que o Brasil atingiu a trágica marca de 100 mil mortos pelo novo coronavírus, o foco do JR está mais relacionado à economia do que à saúde pública, de certa forma, corroborando com um discurso bolsonarista.

5.4.4. Personificação

Dentro desse enquadramento, para o JN, seis foram as matérias identificadas (2, 3, 4, 6, 7 e 10). Para o JR, esse enfoque fez parte de doze matérias (2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14). A personificação foi o recurso mais presente nas matérias de ambos os jornais. Utilizando experiências pessoais para contar histórias, as matérias foram construídas a partir de relatos, sobre as formas de lidar com situações provenientes das novas medidas adotadas na quarentena.

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cHm6uobUR74>>

Embora o JR tenha apresentado mais matérias dentro do enquadramento de personificação do que o JN, os focos de ambos os telejornais foram diferentes.

As matérias do JN trouxeram o recurso da personificação contando histórias de familiares que perderam seus entes queridos para a doença, como o pai que faz a homenagem para seu filho na Praia de Copacabana, no fim de semana do dia dos pais (matéria 2, 3); resgatando as histórias dos recuperados - pessoas que chegaram a ficar gravemente internadas, passaram por um momento ruim, mas conseguiram se curar da doença - o caso da grávida que foi internada por covid-19, por exemplo, que na matéria busca seu filho no hospital e o leva para o primeiro encontro com o seio familiar (matéria 6,7); história de profissionais da saúde que contraíram a doença e morreram (matéria 2) e aspectos da subjetividade humana, onde através de líderes religiosos, constrói-se um imaginário pessoal e dogmático acerca do luto, da morte e do sofrimento (matéria 10).

Há de se destacar as matérias 2 e 6 do JN quando fala-se de personificação. A matéria 2 conta a história de vários brasileiros mortos pela covid-19 ao mesmo tempo que utiliza de relatos familiares para contar sobre a pessoa que se foi. Essas pessoas são de diversas regiões do Brasil, apresentam variadas profissões, são homens indígenas, mulheres grávidas, entre outros. A matéria 6 traz os diversos recuperados de covid-19, alternando várias imagens de pacientes deixando os hospitais enquanto são aplaudidos pelos profissionais de saúde.

No dia 08 de agosto de 2020, os relatos de covid-19 que se encaixam no enquadramento da personificação do JR foram diversos - os brasileiros e seus hábitos de higiene, alguns já relatando estarem adaptados aos novos protocolos; uma infectologista que perdeu o olfato durante a doença e mesmo depois de curada continua acometida por esse sintoma; a consumidora que custou a conseguir um estorno para sua passagem aérea marcada durante a pandemia; empresários e comerciantes que foram prejudicados pela pandemia e tomaram medidas para reverter a crise ou ainda se sentem prejudicados; um cidadão que viu na crise a oportunidade e comprou um imóvel como investimento, trocando o apartamento que morava por outro; os brasileiros que não conseguiram honrar suas dívidas, principalmente na área da educação; o cidadão que aprovou as audiências virtuais e pessoas com saudades da sua família, emotivas principalmente pois aquele era o fim de semana do dia dos pais.

A partir das matérias do JN, pode-se analisar que a personificação se dá a partir de histórias relacionadas a um aspecto 'trágico' da covid-19. As histórias são de pessoas que morreram e deixaram os seus entes queridos enlutados, de brasileiros que estiveram face à face com a morte e se curaram, de mulheres grávidas que contraíram covid-19, de povos originários mortos pela doença, entre outras histórias. Há uma preocupação em representar todos, uma espécie de representatividade trágica, tentando dar conta do máximo de histórias possíveis dentro das 100 mil existentes.

No caso da JR, a personificação se fez presente através de histórias menos trágicas. Houve a preferência na abordagem de outros aspectos do trágico, mais relacionados a problemas econômicos.

Nesse sentido, a oposição entre os dois telejornais fica bem evidente na própria construção do dia. Não há espaço para sorrisos em uma escolha editorial tensa e que decide trabalhar com aspectos tão duros e dramáticos do coronavírus. Ao fim do Jornal Nacional são transmitidas várias imagens - pessoas abrindo covas para os mortos pela Covid-19; relacionadas a fé e esperança (imagens de santos, igrejas e velas); o Cristo Redentor e a natureza, representado principalmente por árvore e pelo Sol -, tudo isso em uma música ambiente, com baixo volume, no que parece ser um violino. Depois da mensagem motivacional ser transmitida, o JN encerra sem a formal despedida dos apresentadores, reafirmando que não há um motivo para desejar boa noite para o telespectador, em sinal evidente de respeito e luto.

Do outro lado, por parte do JR, não há espaço para tristeza e drama, já que a doença é trabalhada de uma maneira mais positiva, retratando as novas possibilidades que as pesquisas podem trazer para os cidadãos. Os âncoras procuram estabelecer uma relação coloquial e cômica com o telespectador, geralmente sorridentes e buscando por interações com o telespectador, conferindo o aspecto mais ameno da cobertura científica.

5.5. FONTES E VOZES

Os atores utilizados como fontes e vozes nas construções das reportagens serão melhor destacados neste tópico. É válido ressaltar que as vozes são as personagens que aparecem explicitamente no vídeo dando entrevistas, além disso, todas as vozes são obrigatoriamente fontes, já que emprestam as suas histórias para a construção da notícia televisiva. O gráfico 1 e 2 abaixo explicitam a quantidade de fontes e vozes que foram utilizadas pelos telejornais na construção da notícia televisiva de Covid-19. Alguns aspectos particulares presentes na cobertura de Covid-19 serão trazidos abaixo, mas não com o intuito de esgotar item por item.

GRÁFICO 1. Fontes utilizadas nos telejornais no dia 8 de agosto de 2020

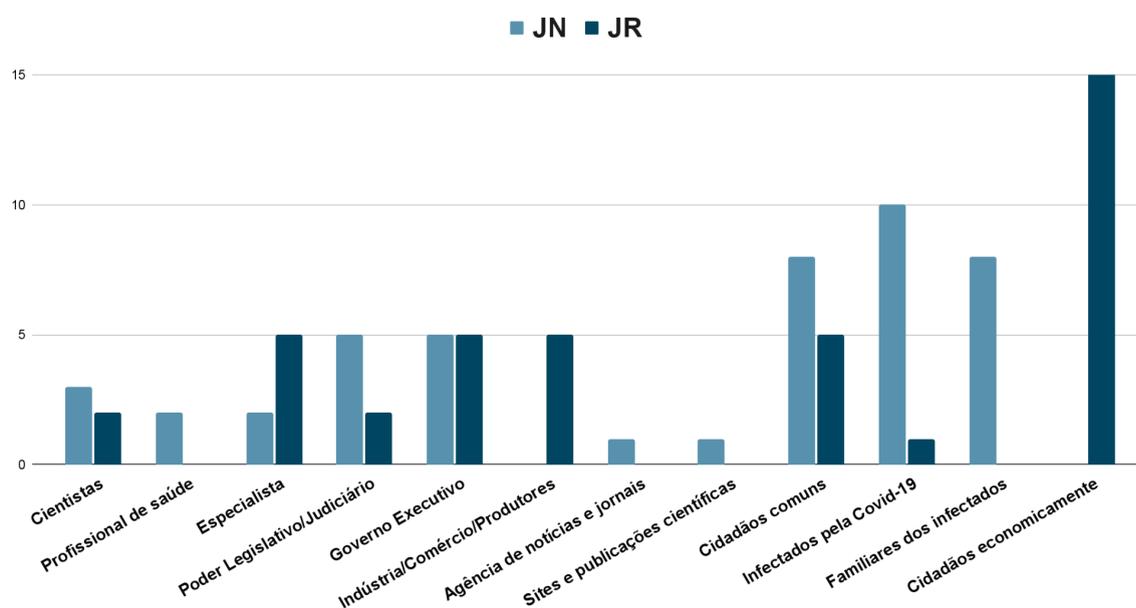
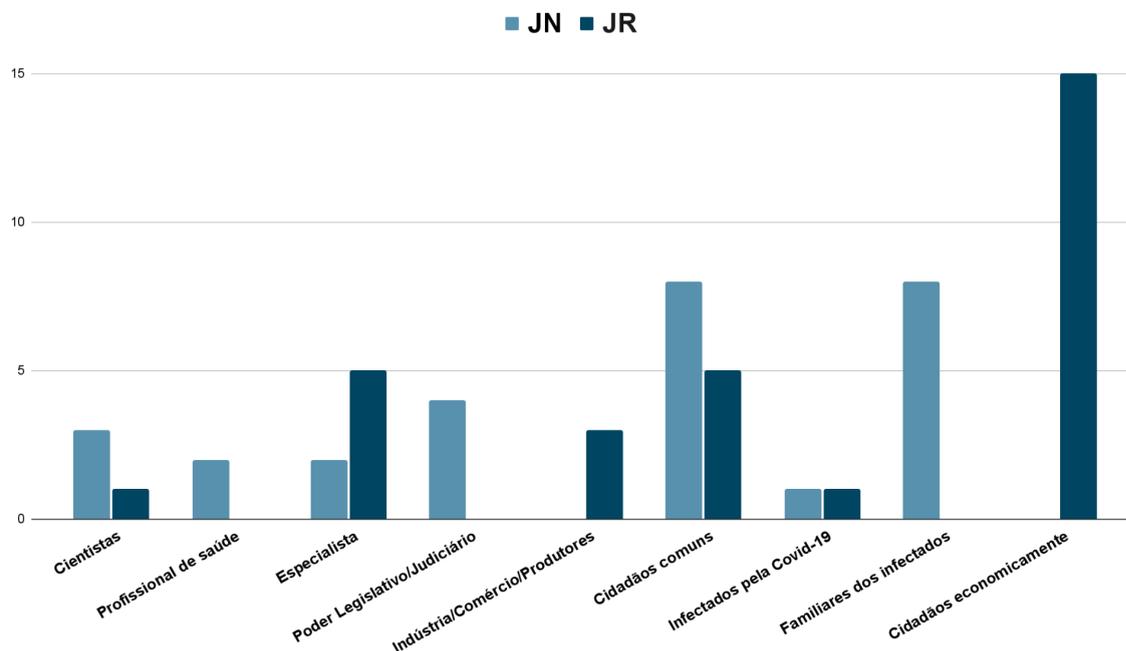


GRÁFICO 2. Vozes utilizadas nos telejornais no dia 8 de agosto de 2020



Para a categoria do cientista (ou professor universitário) foi considerado o profissional com vínculo institucional a um centro de pesquisa. Foram trazidos pelo JN os seguintes cientistas como fontes: Margareth Dalcolmo, pesquisadora da FIOCRUZ; Tania Vergara, presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI) e o professor Christian Dunker, vinculado à Universidade de São Paulo (USP). Enquanto isso, as fontes que o JR utilizou foram os cientistas Fabrizio Romano, da ABR, e os pesquisadores da Universidade de Medicina Veterinária de Hannover (Alemanha). Assim, na construção de suas reportagens, o JN além de apresentar mais cientistas do que o JR, o faz através de profissionais de instituições renomadas, tais como a FIOCRUZ e a USP, por exemplo, ambas instituições de excelência e que apresentaram vínculos na produção de vacinas no Brasil.

Não houve discrepância entre fontes e vozes, já que a maioria dos cientistas utilizados como fontes também foram entrevistados, emprestando seus discursos para compor as reportagens veiculadas no telejornal. Os únicos não considerados vozes foram os cientistas da Universidade de Hannover, pois apenas tiveram suas pesquisas citadas na matéria do JR.

Na edição do dia 8 de agosto de 2020, o JR apresentou cinco especialistas como fontes para a construção de suas matérias, enquanto o JN veiculou reportagens com 2 especialistas. Os especialistas na matéria, considerados como fontes e vozes no JR foram a infectologista Raquel Muarrek; o jurista Luís Claudio Lorenço; Miguel Holdefer, advogado especialista em direito aeronáutico; Ney Wilson, gestor de alto rendimento do judô e Leandro dos Santos, professor da Casa do Saber. Já no JN, foram trazidos Rodrigo Quadros, especialista em medicina de emergência, e o infectologista Esper Kallas. Não houve discrepância entre fontes e vozes dos especialistas nos telejornais.

Embora o JR tenha apresentado mais especialistas como fontes e vozes, apenas um deles apresentava relação com a área da saúde, a infectologista Raquel Muarrek. Os outros apresentavam ligações ao enquadramento econômico frequente trazido pelo JR. No JN, os dois especialistas são da área de saúde, embora o especialista em medicina de emergência não se referia diretamente a cuidados relacionados à Covid-19, mas sim sobre a importância das UTIs estarem vazias para receber os infectados. A infectologista convidada do JR destacou medidas de higiene para prevenir outras doenças, além disso, relatou: “É um ganho que vem com essa pandemia, né? Fazer disso uma tradição, uma melhora na nossa qualidade dentro de casa. Eu acho que isso vem para ficar”. A partir desse relato, a infectologista abordou outras doenças e destacou os ganhos provenientes dos novos hábitos gerados durante a pandemia.

O JN citou mais representantes do Poder Legislativo e/ou Judiciário como fontes na construção de suas reportagens do que o JR. O JN fez menção ao Supremo Tribunal Federal (STF); ao Ministro do STF Dias Toffoli; ao juiz Sergio Moro; ao senador Davi Alcolumbre e ao deputado federal Rodrigo Maia. No JR, os representantes utilizados como fontes foram Dias Toffoli e o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Os representantes Dias Toffoli, Sergio Moro, Davi Alcolumbre e Rodrigo Maia foram fontes através de declarações e/ou posts publicados em redes sociais que foram transmitidos na íntegra pelo JN. Os posts na plataforma *Twitter* mencionaram o luto em relação aos 100 mil brasileiros mortos, declararam mensagens de solidariedade e apresentaram posturas críticas do Governo Federal. Não houve vozes para essa categoria.

Para representantes do Poder Executivo a quantidade de fontes para ambos os telejornais são iguais. No JN, as fontes utilizadas foram o Presidente Jair Bolsonaro, a Prefeitura de Curitiba, o Ministério da Saúde, a SECOM e o ex-ministro interino da Saúde Eduardo Pazuello. No JR, as fontes foram o Ministério da Saúde, a Secretaria de Saúde do Paraná, o presidente Jair Bolsonaro, a SECOM e a Prefeitura de Porto Alegre. Não foram trazidas vozes em nenhum dos telejornais.

O presidente Bolsonaro foi fonte dentro do JN em alguns momentos - na matéria 1, quando Bonner traz os discursos negacionistas do presidente; na parte do telejornal relacionada ao futebol, na qual Bonner ressaltou que Bolsonaro parabenizou o Palmeiras pelo título do Campeonato Paulista, através de seu *Instagram* e também na matéria 8, sobre o não pronunciamento direto de Bolsonaro em relação aos 100 mil mortos. No JR, Bolsonaro é citado em dois momentos - o primeiro sobre o pronunciamento em relação aos 100 mil mortos, na matéria 6, e o segundo na matéria 11, quando fala-se sobre a lei sancionada por Bolsonaro em relação às companhias aéreas e os prazos para a devolução do valor da passagem aérea cancelada durante a pandemia.

Em relação a representantes de indústrias, comércios e produtores, o JR predominou ao trazer 5 fontes dessa categoria contra nenhuma do JN, o que reforça a abordagem econômica que o JR deu à cobertura da covid nesse dia. O JR utilizou como fonte a Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABCOMM); o presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Porto Alegre (CDL POA), Írio Piva; o Presidente do Sindicato das Entidades Mantenedoras dos Estabelecimentos de Ensino Superior da Bahia (SEMESB), Carlos Joel; a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) e o diretor de construtora Sérgio Marão. Írio, Carlos e Sérgio foram também vozes das reportagens.

O JN utilizou o Consórcio de veículos de Imprensa como fonte, nesse caso, tal consórcio se encaixa na categoria de agência de notícias e jornais, mesmo que tenha sido criado para obter informações relacionadas à Covid-19. Não houve citações a agências de notícias no JR e, além disso, os dados usados como fonte para a divulgação da pandemia foram os do Ministério da Saúde.

O JN utilizou oito cidadãos comuns como fontes e vozes para a construção de suas reportagens, enquanto o JR utilizou seis. No JN, um dos oito cidadãos foi o entregador Júlio, que não teve Covid-19 e foi trazido para ilustrar o momento caótico de lotação nas UTIs, na matéria 3. Os outros sete todos se fizeram presentes na última matéria do telejornal (matéria 10) e, mesmo sendo considerados cidadãos comuns, eram líderes religiosos renomados - babalaô, pastor, monja, rabino e padre - além de outras personalidades, como Mario Sergio Cortella, que mesmo sabidamente professor universitário, não teve o seu vínculo institucional apresentado pelo JN, por isso, não foi trazido na categoria de cientista. Os líderes religiosos e o professor Cortella ao fim do telejornal, na matéria 10, trouxeram mensagens de espiritualidade, luto, sofrimento e resistência.

Para o JR, os cidadãos foram o empresário Ricardo Eloi, o administrador de empresas Chrtstoffer Akira Ykemto, a funcionária pública Agenária Freitas e dois cidadãos não identificados que estavam comprando presentes no fim de semana do dia dos pais, ou seja, foram entrevistados com foco numa atividade econômica.

O empresário fala sobre as máscaras que agora estão presentes na sua rotina; o administrador que mora no Japão é trazido para retratar os costumes de higiene do país, onde segundo a repórter usar máscara “é mais que um costume, é um sinal de respeito ao próximo” e a funcionária pública diz que, assim como a tradição japonesa, também tem o costume de tirar o sapato antes de entrar em casa, posteriormente, aparece higienizando as sacolas do supermercado com álcool em gel. Todos eles estão presentes na matéria 3. Na matéria 9, os dois cidadãos são trazidos para abordar o comércio no centro de Porto Alegre.

No JN, dez cidadãos infectados foram utilizados como fontes para as reportagens. Sete dos 10 infectados apresentados no JN tiveram a sua morte retratada pelo telejornal. Foram eles a técnica de enfermagem Sônia, o comandante emérito da Guarda Municipal de Curitiba Odgar, a dona de casa Arícia (que estava grávida), Dona Berenice e por fim, os três indígenas parentes de Lucio Xavante, da Aldeia Guadalupe, em Barra dos Garças, no Mato Grosso - a professora Verônica Wautomoto'õ, a assistente social Pascoalina Rêtar'õ e o estudante da Universidade Federal de Goiás Hilário Abreta Awe Predzawe. Todos eles foram retratados na matéria 2. Os outros três infectados são a Dona Ada, idosa que ficou internada em estado grave, e a mineira Jussara, que estava grávida e teve seu filho às pressas, ambas se recuperaram da Covid-19 e estão na matéria 7. Por último, o marido de Dona Berenice da matéria 2, infectado mas sobrevivente da doença. Apenas Jussara foi voz nas reportagens.

No JR, apenas uma cidadã infectada foi fonte e voz da reportagem. Trazida na matéria 4, a médica e mãe Giovana foi trazida como paciente, pois apresentou perda de olfato como sintomas da Covid-19. Ao final da matéria, Giovana reiterou: “Eu falo que agora eu nem me importo em ter cheirinho de coco, de coisinha estragada porque olha... faz falta, faz muita falta (sic)”.

Não houve menção a familiares de infectados por Covid-19 no JR. Para o JN, os familiares de infectados trazidos nas reportagens foram os filhos de Sonia; a esposa de Odgar; o marido de Arícia, Claudinei; a filha, a neta e o marido de Berenice e Lucio Xavante (matéria 2); Márcio, que perdeu seu filho para a covid-19 e protestava na Praia de Copacabana (matéria 4); o filho de Jussara, Dudu, bem como toda a sua família que a esperava em casa (matéria 7). Alguns foram fontes e vozes, outros apenas fontes. No caso dos familiares, na reportagem 2, houve muitos relatos sobre os que haviam falecido, muitos pedindo por cuidados e sendo, de certa forma, utilizados como uma fonte de credibilidade para que mais pessoas comesçassem a se proteger, como se a partir de suas experiências, pudessem orientar melhor a população. Por isso, e por contarem suas histórias, foram também vozes. A fonte e voz Márcio, reiterou:

“Eu não posso mudar o mundo, mas se eu puder ajudar alguma pessoa para conscientizar que é importante manter os cuidados, que é importante pensar principalmente no outro... usar máscara, eu não uso por mim só, eu uso para pensar no outro” (JORNAL NACIONAL, 2020)

Na reportagem de Jussara, a sua família toda estava esperando em casa e fora retratada, no entanto, nenhum deles trouxe algo sobre a situação, apenas Jussara foi fonte e voz de sua própria situação.

Dentro do JN não houve relatos relacionados à Covid-19 de cidadãos impactados social e economicamente. Para o JR eles foram o empresário Marcelo, a comerciante Daniela, o tatuador Igor, dois advogados, o gerente de loja Frank, o agente de viagem Alan, a publicitária Gabriela, a assessora executiva Denise, o empresário Guilherme, o corretor de imóveis Adriano, o diretor de construtora Sérgio, o psicólogo Djalma, as atletas Rebeca e Maria, o Ricardo e seu pai e a estudante Rafaela.

Daniela, na matéria 8 sobre as vendas durante a pandemia, reiterou:

“Hoje eu vendo para fora do Estado. Pessoas daqui do Rio indicaram para pessoas fora do Estado. Eu mando pelo Correio, então assim... a venda online para mim acho que, de repente, a loja nem estaria aberta, né? Se a gente tivesse dependendo só da venda na loja física” (JORNAL DA RECORD, 2020)

Na matéria 12, Djalma trouxe que a pandemia foi um bom momento para ele comprar um imóvel, portanto, sendo afetado positivamente. Djalma reiterou:

“Eu vejo como o mercado tá bom nas duas coisas: para quem tem o dinheiro para comprar e quem vai financiar. Acho que é um ótimo momento para aproveitar a oportunidade ou entrar e realizar o sonho da casa própria (sic)” (JORNAL DA RECORD, 2020)

Em síntese, o Jornal Nacional veiculou matérias com cientistas de instituições renomadas que explicaram sobre a Covid-19, as mudanças de percepções sobre a doença e teceram críticas a faltas de investimentos públicos em Ciência e Tecnologia. Enquanto isso, no Jornal da Record, o único cientista vinculado a uma instituição trouxe pesquisas sobre a perda do olfato. Em relação aos especialistas, mesmo em maior quantidade, o JN foi responsável por representar apenas profissionais da saúde, enquanto no JR a maioria dos especialistas eram da área jurídica. A única infectologista presente no JR falou sobre a importância dos novos hábitos de higiene adquiridos durante a quarentena, inclusive para evitar outras doenças. Além disso, reiterou que tais hábitos foram ganhos da pandemia que vieram para ficar, ou seja, extraiu um significado positivo de um cenário altamente negativo.

Quando trazido como representante do Poder Executivo, Bolsonaro é citado diversas vezes e de maneira crítica dentro do Jornal Nacional, além disso, quando Bonner trouxe o pronunciamento do Presidente em relação à vitória do Campeonato Paulista pelo Palmeiras, criou-se um tom crítico, já que em matéria posterior do JN, o apresentador enfatizou que Bolsonaro não havia se pronunciado pessoalmente sobre as mortes. Assim, uma leitura possível dessa sequência de matérias é: “Bolsonaro estaria mais preocupado em homenagear o Palmeiras no *Instagram* do que se pronunciar em solidariedade às famílias dos 100 mil brasileiros mortos pela Covid-19”. No JR, Bolsonaro é trazido como se tivesse se pronunciado em relação aos 100 mil mortos, mas havia apenas repostado mensagens da SECOM no *Twitter*, além desse episódio, é mencionado como responsável pela sanção das leis de passagens aéreas.

As reportagens do JN mostram muitos representantes políticos, apresentados em grande maioria a partir de suas declarações de solidariedade transmitidas em notas, pronunciamentos ou tuítes. Essas mesmas fontes não predominam da mesma maneira no JR. Assim, fica evidente que o JN, além de fazer as suas críticas a Bolsonaro (ao resgatar pronunciamentos negacionistas de Bolsonaro e abordar a questão do Palmeiras citada acima) traz também outros personagens políticos importantes que reforçam as críticas ao Governo Federal.

Enquanto o JN utilizou do Consórcio de veículos da Imprensa para veicular as informações da pandemia, o JR utilizou os dados do Ministério da Saúde. Esse fato é importante, pois indica confiança e credibilidade, por parte do JR, nos dados emitidos sobre a pandemia pelo Governo Federal. Em oposição, o JN utilizou os dados prospectados através de seus profissionais e veículos de imprensa parceiros, colocando em xeque a credibilidade dos dados emitidos pelo Governo.

Há uma distinção evidente em relação à maneira com que o cidadão brasileiro é representado na construção das reportagens. O foco do JN se deu em utilizar pessoas em sofrimento proveniente da Covid-19 - representando infectados, mortos, recuperados e familiares em luto - através de recursos jornalísticos de personificação, no qual as histórias são contadas pelos familiares e por si mesmos. Houve muitas fotos dos infectados e mortos, inclusive como cenário da própria edição do telejornal, ao fundo do telão. Além disso, o discurso de Márcio, que perdeu o filho, foi utilizado para reforçar as medidas de segurança e convencer os telespectadores a continuarem se cuidando.

Por outro lado, o JR optou por fontes que não retratavam o sofrimento, a dor e a morte, preferindo construir reportagens a partir de cidadãos com problemas econômicos e que foram afetados (negativa ou positivamente) durante a pandemia. É o caso da comerciante Daniela e do psicólogo Djalma, por exemplo, que tiveram discursos positivos em relação ao período. Em um dia simbólico, quando o Brasil atingiu a triste marca de 100 mil mortos pelo novo coronavírus, a mensagem do psicólogo Djalma, que avalia o “ótimo momento para aproveitar a oportunidade de comprar a casa própria”, parece ilustrar um Brasil que está se recuperando economicamente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste trabalho de conclusão de curso buscou identificar como cada telejornal veiculou as notícias de Covid-19 no dia 8 de agosto de 2020, partindo da constatação de que as emissoras e telejornais envolvidos neste trabalho apresentam públicos, linhas editoriais e alinhamentos políticos distintos. De um lado, a Rede Globo, historicamente atrelada a posicionamentos políticos nacionais, como o apoio à Ditadura Militar, a influência na eleição de Collor em 1989 e ataques ao Governo de Bolsonaro, por exemplo. Do outro, a Rede Record, emissora de Edir Macedo - bispo vinculado à Igreja Universal do Reino de Deus - declaradamente política, interessada em eleger cristãos para governar o Brasil e apoiadora do atual presidente. Partindo dessas considerações, as análises das edições em relação à covid-19 foram cruciais para distinguir como cada cobertura se deu neste dia.

No Jornal Nacional, as críticas foram ferrenhas ao presidente Bolsonaro e ao Governo Federal. No início do telejornal, foi destacado que mais de 100 mil pessoas morreram em apenas 20 semanas. Em relação à declaração de luto oficial, o âncora do JN relatou: “O Congresso Nacional decreta luto oficial. O Supremo Tribunal Federal decreta luto oficial. O Palácio do Planalto não adota medida”. Esse relato exemplifica como o JN criticou a falta de pronunciamento por parte de Bolsonaro sobre a marca de óbitos, assim como em outros momentos no telejornal. Criaram-se momentos claramente hostis para Bolsonaro neste dia no telejornal, reforçando a negligência de seu combate à pandemia e seu alinhamento contrário às medidas consideradas científicas.

O drama foi um recurso recorrente na cobertura da pandemia e presente nas narrativas audiovisuais do JN, tal como o uso da cor preta, referindo-se ao luto, e aos momentos de silêncio, em respeito às pessoas que morreram. Tal fato pode ser evidenciado ao fim do telejornal, no qual geralmente o âncora declara “boa noite”. Neste dia 8 de agosto, essa prática não foi adotada pelo Jornal Nacional. Encerrar a edição com o silêncio e número de brasileiros mortos ao fundo aguçou ainda mais o tom dramático do telejornal. A narrativa dramática tentou aproximar o público, transformando os âncoras dos telejornais em personagens importantes da pandemia, através de suas opiniões em editoriais e indignações em relação à negligência no combate ao vírus (SIQUEIRA; FREIRE; SOUZA, 2021).

O JN fez uma cobertura de dados e científica maior que o JR: trouxe dados móveis; cronologias de casos e mortes; situação da doença nos estados, novas informações sobre o coronavírus; trouxe relatos de pacientes infectados, de familiares que perderam seus entes queridos e diversos especialistas da área da saúde em sua edição. Mesmo assim, há de se ponderar a relevância de explorar o sofrimento das famílias brasileiras acometidas pelo coronavírus na edição do JN no sentido que exploram dramas pessoais para criar uma postura anti-bolsonarista.

Abordando o coronavírus de maneira intensa na programação deste dia, o JN dedicou um tempo maior ao assunto e apresentou matérias impactantes e de maior duração sobre a pandemia. Através das escolhas editoriais, há a impressão de que a pandemia é tratada como uma crise grave e uma questão de saúde pública, nas quais cabe à administração pública tomar medidas previstas na Constituição para o combate à pandemia.

No Jornal da Record, a cobertura em relação à pandemia do novo coronavírus foi diferente e o drama não foi um aspecto trabalhado. No início do JR, aspectos da pandemia do novo coronavírus apresentaram diferenças significativas se comparados ao início do JN. Enquanto o JN iniciou falando sobre as 100 mil mortes e os âncoras lendo o editorial especial, o JR, logo no início, demonstrou que existiam outros problemas graves no país:

Âncora 1: Boa noite. O Brasil ultrapassou a marca dos 100 mil mortos pela covid-19 e dos 3 milhões de casos. Na edição de hoje, você vai ter a cobertura completa com as informações mais recentes na pandemia

Âncora 2: Antes, mais uma reportagem sobre um problema constante no país - a violência urbana (...)" (JORNAL DA RECORD, 2020)

No dia em que o Brasil atingiu a marca de 100 mil mortos na pandemia, uma matéria sobre violência abre o programa. Somente em um momento posterior é que os âncoras trazem os destaques da edição do dia, coincidentemente, são os mesmos citados na descrição do vídeo no *YouTube*:

Veja a edição completa do Jornal da Record deste sábado (8) com os seguintes destaques: acusados de agredir jovem em shopping são policiais militares; manifestantes invadem prédio oficial e exigem a renúncia do atual governo do Líbano; no Norte do Brasil, flagrantes de venda ilegal de carne e bichos silvestres; Palmeiras vence o Corinthians nos pênaltis e ganha o Campeonato Paulista⁴⁶.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bm_KS9NYTIO>

Como apresentado na descrição, a pandemia e os 100 mil óbitos causados por Covid-19 não são citados nos destaques do telejornal, reiterando o desfoque sobre o assunto no telejornal.

Ao retratar pesquisas científicas em andamento, o Jornal da Record aborda pesquisas de um hospital de São Paulo, focando no sintoma específico da perda do paladar. Além disso, retrata as pesquisas com cães farejadores que podem ser importantes para que os animais consigam farejar os infectados da Covid-19. Na voz dos âncoras do telejornal, as pesquisas foram transmitidas em tons positivos e com frases confortantes para os telespectadores: “Mas olha só que boa notícia. Tem tratamento!”

A maioria dos especialistas ouvidos pelo Jornal da Record neste dia específico correspondeu a profissionais em áreas vinculadas a aspectos econômicos, corroborando com o enquadramento mais identificado no telejornal - dos impactos econômicos causados pela pandemia -, evidenciando uma linha editorial mais voltada para os prejuízos financeiros que a pandemia do novo coronavírus trouxe ao país.

Em relação a aspectos de saúde, a única especialista infectologista consultada pelo telejornal é ouvida sobre os novos hábitos de higiene trazidos pela pandemia e identifica que essas novas práticas podem ser benéficas para evitar outras doenças. Durante a reportagem, a repórter indaga: “Exagero? Ou será que finalmente estamos aprendendo a cuidar melhor da nossa saúde?”, ao passo que a especialista indica que os novos hábitos podem ser vistos como ganhos provenientes da pandemia e que podem se tornar tradição. De tal forma, pode-se concluir que o Jornal da Record, ao trazer questões de saúde, prefere focar nos benefícios gerados pela pandemia.

Esse aspecto positivo e benéfico pode ser identificado a partir dos cidadãos escolhidos para as matérias do telejornal. No dia marcado pelos 100 mil brasileiros mortos pela covid-19, os cidadãos ouvidos pelo Jornal da Record não faziam parte dessa estatística de qualquer forma. Não foram narradas histórias de vítimas, nem de familiares que perderam entes queridos. As histórias de cidadãos se deram a partir de relatos sobre a adaptação às novas práticas de higiene; de aspectos financeiros positivos ou negativos - muitos foram prejudicados, mas alguns conseguiram reverter a situação a partir de ideias inovadoras com seus empreendimentos e com fatores sentimentais de pessoas que sentiam falta do contato físico, impedido durante o período de quarentena. A partir de tais relatos, resultados do enquadramento de personificação, conclui-se que neste dia simbólico para a pandemia, o Jornal da Record não abordou histórias dramáticas sobre esses brasileiros, optando por retratar aspectos mais amenos, relacionados aos danos financeiros e ao trabalho.

Em investigações sobre aspectos possivelmente negacionistas, pode-se dizer que o Jornal da Record trouxe à tela o número dos recuperados quando transmitiu os dados da pandemia. Abordar os recuperados pode ser uma estratégia de apagamento, pois tenta invisibilizar as mortes e não questiona quais as graves sequelas causadas pelo vírus. O discurso dos recuperados foi amplamente utilizado por Bolsonaro durante a pandemia, na tentativa de informar que o Brasil era o país que mais recuperava vidas e, assim, omitindo suas constantes negligências em relação à crise sanitária vigente.

Quando o Ministério da Saúde deixou de oferecer dados oficiais e foi criado o consórcio de imprensa, colocando em xeque os dados do Ministério, criou-se uma polarização acerca da confiabilidade dos dados do Governo Federal. O JN apresentou as informações numéricas da pandemia a partir dos dados do consórcio de imprensa, enquanto o JR apresentou a partir do Ministério da Saúde. A partir disso, pode-se inferir o possível alinhamento identificado do Jornal da Record com o Governo Federal, bem como uma oposição por parte do JN.

Pode-se concluir, portanto, a cobertura do JN em relação à covid-19 como uma cobertura jornalística onde o uso do drama foi utilizado para ressaltar a “narrativa científica”, criticar posturas negacionistas e informar com apelo à emoção para chamar atenção do público sobre o risco iminente. Além disso, a cobertura do JN se debruçou sobre os 100 mil brasileiros mortos, tentando construir uma edição

que estava relacionada a essas famílias em luto, utilizando destes aspectos sensíveis inclusive para criticar que medidas deveriam ter sido tomadas pelo Governo Federal. A crítica a Bolsonaro foi bem evidente no JN, principalmente quando foi trazido o não pronunciamento do presidente sobre as vítimas, mas sim sobre o título do Palmeiras.

Em contrapartida, o Jornal da Record optou por não trabalhar os óbitos em sua edição, optando por aspectos mais amenos e relacionados à economia. Isento de posicionamentos críticos em relação ao Governo Federal, pode-se dizer que o Jornal da Record trouxe aspectos mais favoráveis a Bolsonaro do que o JN, já que relatou um pronunciamento de Bolsonaro sobre as vítimas, que na verdade era um *post* da Secretaria de Comunicação e não um pronunciamento propriamente dito. Esses alinhamentos também são percebidos quando aspectos de economia e o discurso dos recuperados foram trazidos na edição deste fatídico dia, já que corroboram com as táticas negacionistas adotadas por Bolsonaro durante a pandemia, com o intuito de invisibilizar as mortes e realocar a preocupação da saúde pública para a questão econômica.

Os possíveis alinhamentos corroboram, de certa forma, com as histórias políticas das emissoras. A edição do Jornal Nacional é crítica a Bolsonaro, reiterando a briga da emissora com o presidente. Já a cobertura do Jornal da Record é isenta de críticas ao Governo Federal, reiterando o apoio de Edir Macedo, dono da emissora, ao presidente Bolsonaro.

REFERÊNCIAS

Albuquerque, Cristiane. **Fake news circularam na imprensa na epidemia de 1918.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, p. 1-3, mar. 2020.

AMORIM, Edgar de. **História da TV brasileira.** Coleção Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2007, p. 123.

Avelar, Lúcia. **As eleições na era da televisão.** Revista de Administração de Empresas [online]. 1992, v. 32, n. 4 [Acessado 3 Junho 2022] , pp. 42-57. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-75901992000400005>>. Epub 13 Jun 2013. ISSN 2178-938X. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901992000400005>.

Barros Filho, Eduardo Amando de. **Por uma televisão cultural-educativa e pública: a TV Cultura de São Paulo, 1960-1974.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579832079. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/109184>>.

BECKER, Beatriz et al. **A centralidade do telejornal no ambiente midiático convergente: repensando como as interações entre produção e recepção atribuem sentidos aos Jogos Rio 2016.** Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 41, p. 71–86, 2018.

BHUTANI, Surabhi; COOPER, Jamie A. **COVID-19 related home confinement in adults: weight gain risks and opportunities.** Obesity, v. 28, n. 9, 2020.

COUTINHO, Iluska; MELLO, Edna; FINGER, Cristiane. **As telas da pandemia da Covid-19: desafios do Jornalismo e do Audiovisual.** Lumina, v. 15, n. 3, p. 4–5, 2021.

Coutinho, Iluska Maria da Silva. **Programa e público brasileiros: a trajetória do Jornal Nacional nas vozes de seus personagens.** In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói. VI Congresso Nacional de História da Mídia - 200 anos de mídia no Brasil. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008. v. 1. p.

1-16

Coutinho, Iluska Maria da Silva; Mata, Jhonatan. **Telejornalismo, Juventude e Representação: quais formatos e narrativas dialogam com os novos telespectadores?** In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando (Orgs.). Comunicação, cultura e juventude. São Paulo: Intercom, 2010. p. 247-246. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/03026c9bb67360675de39381ddbde65e.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2022.

Coutinho, Iluska Maria da Silva. **Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. **Percepção pública da C&T no Brasil – 2019.** Resumo executivo. Brasília, DF: 2019. 24p.

DELATORRE, Edson et al. **Tracking the onset date of the community spread of SARS-CoV-2 in western countries.** Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, v. 115, 2020.

FERREIRA, Giovandro Marcus ; SAMPAIO, Adriano de Oliveira. **Entre o telejornal e a recepção: a construção do posicionamento discursivo do Jornal da Record.** Revista FAMECOS, v. 18, n. 1, p. 163–179, 2011. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8804>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

FIGUEIREDO, Marcelo da Silva. **A Relação Entre Discurso Religioso / Político e Linha Editorial no Jornal da Record** | CELACC USP, celacc.eca.usp.br, disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/pt-br/tcc_celacc/relacao-entre-discurso-religioso-politico-linha-editorial-jornal-da-record>. acesso em: 3 jun. 2022.

HALPERIN, Paula. **Entre a invasão dos “capitais alienígenas” e a modernização**

da televisão: Imprensa e debates públicos em torno do acordo Rede Globo/Time-Life, 1964 – 1967. Antíteses, v. 12, n. 23, p. 579, 2019.

MAIA, Wander Veroni. **Edição no Jornal Nacional e Jornal da Record: uma análise comparativa a partir dos critérios de noticiabilidade dos telejornais de rede.** Trabalho de conclusão de curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/maia-wanderedicao-jornal-nacional-jornal-record.pdf>>. Acesso em 3 jun. 2022.

MARIANO, Ricardo. **Os neopentecostais e a teologia da prosperidade.** Novos estudos, v. 44, n. 44, p. 24-44, 1996.

MASSALI, Fabio. **Quarentena global é evento inédito na história das pandemias.** Agência Brasil, disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/quarentena-global-e-evento-inedito-na-historia-das-pandemias>>. acesso em: 3 jun. 2022.

Massarani, Luisa, Castelfranchi, Yuri e Pedreira, Anna Elisa. **Cientistas na TV: como homens e mulheres da ciência são representados no Jornal Nacional e no Fantástico.** Cadernos Pagu [online]. 2019, n. 56 [Acessado 11 Abril 2022] , e195615. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201900560015>>. Epub 16 Set 2019. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/18094449201900560015>.

MEMÓRIA GLOBO. **Caso Time-Life.** Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life/noticia/caso-time-life.ghtml>>. acesso em: 3 jun. 2022.

MEMÓRIA GLOBO 2022. **História.** disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/historia.ghtml>>. acesso em: 3 jun. 2022.

MUNDIM, Pedro Santos. **“Assistindo ao Jornal Nacional”: determinantes da exposição aos principais telejornais brasileiros.** Revista Debates, v. 9, n. 3, p. 37,

2015.

Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS. Organização Mundial da Saúde - OMS. Repositório Institucional para Troca de Informações – Iris. **Fichas Informativas COVID-19: entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19** [Internet]. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?squence=16>. Acesso em: maio de 2022.

PADIGLIONE, Cristina. **Jornal Nacional ganhou mais de 1,5 milhão de jovens por dia na pandemia.** Telepadi. Disponível em: <<https://telepadi.folha.uol.com.br/jornal-nacional-ganhou-mais-de-15-milhao-de-jovens-por-dia-na-pandemia/>>. acesso em: 3 jun. 2022.

POLATO, Fábio Sebastião. **O uso do rádio e da TV por instituições religiosas: um fenômeno crescente nos mais variados canais de comunicação.** 2015. . Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/126680>>.

PORTO, Mauro; NEVES, Daniela ; LIMA, Bárbara. **Crise hegemônica, ascensão da extrema direita e paralelismo político.** Compolítica, v. 10, n. 1, p. 5–34, 2020.

Ramalho e Silva, Marina. **A ciência no Jornal Nacional e na percepção do público.** Tese (Doutorado em Química Biológica) – Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Ramalho e Silva, Marina et al. **Ciência em telejornais: uma proposta de ferramenta para análise de conteúdo de notícias científicas.** In: Massarani, L. (Org.); Ramalho, M. (Org.) . Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz, 2012. v. 1. 108p .

SACRAMENTO, Igor; SANTOS, Allan ; ABIB, Roberto. **A saúde na era na testemunha: experiência e evidência na defesa da hidroxiclороquina.** Revista Comunicação, Cultura e Sociedade, v. 7, n. 1, p. 003-023, 2020.

Siebert, Silvânia e Pereira, Israel Vieira. **A PÓS-VERDADE COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO**. Linguagem em (Dis)curso [online]. 2020, v. 20, n. 02 [Acessado 3 Junho 2022] , pp. 239-249. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-4017/200201-00-00>>. Epub 07 Set 2020. ISSN 1982-4017. <https://doi.org/10.1590/1982-4017/200201-00-00>.

Silva, Carlos Eduardo Lins. **Muito Além do Jardim Botânico, um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1985.

SIQUEIRA, Fabiana; FREIRE, Débora; SOUZA, Vagner Cesarino de. **O lugar da dramaticidade no Jornal Nacional: um estudo sobre técnicas e ferramentas utilizadas na cobertura da pandemia de Covid-19**. Lumina, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 94–111, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35529>. Acesso em: 3 jun. 2022.

TONIOL, Rodrigo. **O judeu imaginário do bolsonarismo**. Revista Serrote, edição 39. Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2021.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **Juventude e televisão: a recepção do noticiário televisivo Jornal Nacional entre jovens universitários brasileiros**. Lumina, v. 4, n. 1, 2010.

VILLASENOR, Rafael Lopez. **A estratégia política da Igreja Universal do Reino de Deus: um estudo sobre as eleições presidenciais 1989, 1994 e 2002**. Disponível em: <<https://flacsoandes.edu.ec/buscador/Record/oai:clacso.brbr-027:article13949oai>>. acesso em: 3 jun. 2022.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **INFORMATION DISORDER : Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. 2017.

WU, Fan et al. **A new coronavirus associated with human respiratory disease in China**. Nature, v. 579, n. 7798, 2020.